



SALESIANOS 2015



EDITORIAL TEAM SALESIAN 2015

Don Filiberto González Plasencia sdb
Consigliere per la Comunicazione Sociale
Membri del Dicastero della CS
Sig Ephrem Santos sdb - coordinatore
e Don Giuseppe Pelizza sdb

TRADUTTORI

Sig.ra. Deborah Contratto (Italiano)
Don Franco Pirisi sdb (Italiano)
Don Julian Fox sdb (Inglese)
Don Jacob Iruppakkaattu sdb (Inglese)
Don Arcadio Cuadrado sdb (Spagnolo)
Don Placide Carava sdb (Francese)
Don José Antenor Velho sdb (Portoghese)
Sig. Zdzislaw Brnk sdb (Polacco)

SI RINGRAZIANO

Tutti gli autori di articoli e i fotografi:
Andrea Cherchi, i collaboratori di ANS
per la riscrittura, il personale
di CCS - Madrid e il personale
della Elledici - Torino.

IMPAGINAZIONE

Maison adv snc (Torino)

STAMPA

Micrograf, Mappano (TO), Italia
EGL, Belo Horizonte, Brazil
Poligrafia Salezjanska, Krakow, Polonia
SIGA (Salesian Institute of Graphic Arts), Chennai, India
Sociedad Salesiana Editorial Don Bosco, La Paz, Bolivia
GRAFISUR, S.L., Madrid, Spagna

EDITRICE SDB

Edizione extra commerciale

Direzione Generale Opere Don Bosco,
Via della Pisana 1111,
Casella Postale 18333,
00163 Roma-Bravetta, Italia

Per ulteriori informazioni:

redazionerivistesdb@sdb.org
www.sdb.org



8 Espiritualidade
empenhada

22 Espiritualidade
alegre

52 Espiritualidade
celebrada

72 Espiritualidade
missionária

84 Espiritualidade
eclesial



Queridos amigos e amigas,

É com grande alegria que lhes apresento a revista SALESIANOS 2015 relativa ao terceiro ano de preparação ao Bicentenário de Dom Bosco.

O primeiro ano de preparação foi dedicado à história de Dom Bosco, o segundo ano à sua pedagogia, e este à sua espiritualidade. Uma espiritualidade que transcende o tempo e o espaço e chega até nós como um dom e uma proposta de felicidade. Encerramos, agora, a preparação e o aprofundamento destes três importantes e inseparáveis elementos da vida de Dom Bosco.

Ao longo da revista encontram-se expressões concretas da espiritualidade que Dom Bosco deixou como herança à sua Família Salesiana. Existem modos específicos de relacionar-se com Deus, com os outros, com o ambiente social e com a natureza, sempre sob o impulso do Espírito Santo. Por isso, chama-se espiritualidade. Estas expressões são como as cores, que unidas à forma, conseguem criar uma obra de arte, um rosto, uma personalidade com identidade própria. Os mesmos elementos de santidade vividos por outros santos foram sistematizados por Dom Bosco de maneira muito especial, dando lugar à espiritualidade salesiana de Dom Bosco.

O elemento central desta espiritualidade é a caridade pastoral, e ao seu redor gravitam todos os outros: a graça de unidade como um movimento único de caridade para com Deus e para com o próximo; a oração motivada pela glória de Deus e pela salvação das almas, feita de modo simples, juvenil, popular, alegre e relacionado com o estilo de vida; a missão juvenil e popular como lugar de encontro com Deus; a vida ordinária vivida com otimismo, alegria e esperança; a bondade educativa que abre as portas do coração a Deus e ao próximo; o trabalho constante e a temperança alegre; o amor ao Papa e à Igreja, e a confiança filial em Maria.

Os artigos que vão ler a seguir são apenas um pequeno exemplo do rico patrimônio humano e espiritual transmitido em herança por Dom Bosco a um vasto movimento de pessoas que desejam fazer o bem aos jovens, sobretudo aos mais carentes. Sintam-se cordialmente convidados a participar e a construir para eles e com eles um futuro melhor.

**Cordialmente,
P. Filiberto González Plasencia**



DOM BOSCO... um Santo mais atual do que nunca!

Já se passaram 200 anos desde o nascimento daquele garotinho, filho de agricultores, que seria conhecido, mais tarde, como o nosso Dom Bosco; e a sua compreensão da educação, a sua espiritualidade e sua aventura humana continuam a fascinar muitas pessoas, entre as quais aquelas que foram a Família Salesiana e aqueles que, na Igreja e na sociedade, se aproximam da sua figura. Foi o Papa Paulo VI quem, por ocasião dos 150 anos do seu nascimento disse que «para dar um Pai e um Mestre à juventude operária e estudiosa dos novos tempos, iniciados na elevação das camadas populares, nos desígnios arcanos da sua Providência, Deus escolheu um filho dos campos, descendente de uma família humilíssima que – a olhar as coisas com olhar superficial – não tinha, certamente, perspectivas fáceis na vida. Dá-lhe uma mãe muito virtuosa, enriquece-o de grande inteligência, de indômita vontade, de robustez física, desejo de saber, amor inato aos coetâneos, ânsia de apostolado, fortaleza nas adversidades e nas provações. Por caminhos difíceis, depois, orienta-o para o Sacerdócio, comunicando-lhe a paixão das almas, especialmente, juvenis: “Da mihi animas, cetera tolle”» (Bênção do Santo Padre pelo 150º aniversário do nascimento de São João Bosco, 30 de junho de 1965).

Este foi Dom Bosco, para nós que celebramos neste ano de 2015 o Bicentenário do seu nascimento. Esta revista, que chega agora às mãos dos leitores, foi pensada para ser apresentada por ocasião do Bicentenário, no qual se aprofundou o conhecimento histórico de Dom Bosco, a sua pedagogia e a sua espiritualidade. A esta, seguirá logo outra publicação, que deseja ser uma modesta exposição do que se viveu neste ano jubilar salesiano.

Isso porque este ano que vivemos manifestou que Dom Bosco continua a ser, apesar dos 200 anos passados desde o seu nascimento, um sacerdote educador sem tempo, ‘atemporal!’, sempre atual, ‘mais atual do que nunca’, e porque encontrou nos jovens a essência dos seus sonhos, da sua vida e do seu trabalho. Ele soube ler os sinais dos tempos que lhe coube viver, em particular, a mensagem de Deus aos mais pobres, àqueles que, com as palavras do Papa Francisco, chamaríamos hoje de os “descartáveis”.

Aquele que é hoje para a Igreja Universal o “Pai e Mestre da Juventude” mirava sempre o coração dos jovens, procurando ajudá-los a encontrar o próprio lugar no mundo e aproximar o coração deles a Deus.

Uma vez que os jovens foram o motivo de suas inquietudes, de suas preocupações, de todos os seus pensamentos, os próprios jovens de hoje, no mundo todo, sentem que Dom Bosco é deles. O amor pelos seus rapazes era cheio de gestos concretos e oportunos. Interessava-lhe a vida deles, a vida de todos e de cada um, e se entregara totalmente a eles, à busca do seu bem espiritual e material, com todas as suas forças, ‘até o último respiro!’. Bem sabemos que em Dom Bosco este serviço aos jovens foi a resposta generosa e completa ao chamado recebido de Deus.

Hoje, somos muitos, religiosos, religiosas e leigos, que somos e nos sentimos chamados a encarnar Dom Bosco, transmitindo o seu espírito, e chamados a educar com o seu mesmo coração. E é por isso que, com olhar de fé e com esperança, nos arriscamos a dizer que Dom Bosco continua vivo e, muitos de nós, amigos e amigas de Dom Bosco nos empenhamos em manter viva a missão histórica que ele nos deixou.

Desejo de todo o coração que este homem de Deus, santo na Igreja, que ainda hoje faz enamorar de Jesus e de Maria Auxiliadora, como também dos jovens, continue a sustentar-nos na existência e na ação educativa que ele viveu.

Muito cordialmente,
Ángel Fernandez Artime, SDB
Reitor-Mor



Espiritualidade empenhada



A HERANÇA DE Dom Bosco

um musical de JOVENS

Texto: Inspetoria chinesa



MEDIANTE ESTE MUSICAL, A PALAVRA DE DEUS
ABRIU CAMINHO EM MUITOS CORAÇÕES



A RELAÇÃO DE AMIZADE
AMADURECIDA NO GRUPO
É UM GRANDE TESOURO
DADO PELA GRAÇA DE DEUS.



“A

mor pelo Rosário II” é uma obra teatral original, inteiramente dirigida e atuada pelos jovens do Vineyard Youth Theatre da igreja de Santo Antônio. Trata-se da segunda parte de outro musical, “Amor pelo Rosário I”, realizado em 2011. O título do musical recorda que o amor de Deus é como as contas de um rosário com a sua corrente. É a história da batalha entre o bem e o mal de uma doente de câncer terminal. A mulher vive com fé, mesmo nos momentos difíceis. E o seu modo de viver influencia quem está ao seu lado.

Os jovens do grupo teatral trabalharam em sistema de multitarefas. Graças a diversas atividades, juntaram o dinheiro para financiar o musical. Escreveram o texto, compraram as contas para os rosários e indicaram alguns membros para a coleta de fundos (com estande em várias paróquias), pensaram na logística, na confecção dos cenários e dos objetos de cena. O jovem salesiano John Baptist Lou, membro do grupo ainda antes de entrar na Congregação Salesiana, escreveu os textos das canções e deu aos atores uma diretriz espiritual. O musical foi encenado com grande sucesso no Sheung Wan Civic Centre e, graças às músicas, às canções, às récitas, a Palavra de Deus pôde entrar em centenas de almas. A vida de quem participou mudou, graças à elevada componente evangelizadora do musical.

Ho Man Ho, vice-diretor e ator do grupo, afirma: “Desde 2007, eu sonhava com este musical. Como eu, acredito que quem estava no palco tinha o coração cheio de alegria. Durante a preparação e organização foram muitos os obstáculos que precisamos superar. Parecia também que a minha presença não era importante. Naquele momento fui eu mesmo que me dei um significado. A partilha espiritual fez-me refletir sobre por que eu queria produzir este musical e sobre a minha relação com Deus. Havia um diálogo no texto que dizia: ‘Se Deus chama alguém, nada pode ser de obstáculo. Ao mesmo tempo, se alguém responde ao apelo de Deus, nada pode ser de obstáculo’. Como Deus me pedira para participar na realização deste musical, eu devia empenhar-me ao máximo”.

Kwok Mins Ho, ator protagonista do musical, diz: “Todos nós trabalhamos em sistema de multitarefas. Além de atuar, também ajudei na redação do



texto, na confecção dos rosários a serem vendidos, na logística, na criação dos cenários e dos objetos de cena. O processo de produção foi difícil. Devo dizer que no início o processo não foi sistemático e que a organização melhorou com o tempo. Estas experiências ensinaram-me a ser mais flexível, mais rápido nas respostas, a usar melhor o tempo à minha disposição e a administrar as minhas capacidades. Apesar das muitas dificuldades, não deixamos de rezar, pedindo para jamais perdermos a paixão pelo nosso trabalho, para estarmos sempre convictos daquilo que estávamos fazendo e termos uma atitude positiva na resolução

dos problemas. Em minha vida espiritual, aprendi que devo entregar-me mais ao Espírito Santo, em qualquer situação”.

Fong Chun Ho frequentava a quinta série quando, pela primeira vez, começou a participar do musical. Agora que está no primeiro ano do ensino médio, foi batizado. Disse-nos: “Foi uma bela experiência ter papéis totalmente diferentes entre si como, por exemplo, o anjo, o diabo, o gangster. Foi tocante também em nível espiritual. Agora, posso dizer que aprendi muito sobre a minha fé, graças aos rapazes e moças mais velhos do que eu, por ter aprendido a assumir a responsabilidade dos membros mais jovens, a ter uma vontade maior de ajudar o próximo e de rezar”.

Lee Cheuk Lung, que teve um papel de apoio no musical, disse: “Não sendo um dos protagonistas, dediquei grande parte do tempo a outras atividades. Fomos capazes de cobrir sozinhos todas as despesas; não queríamos gastar dinheiro inutilmente. Além disso, muitas vezes, nos reunimos para confeccionar os rosários, mas, enquanto os fazíamos, também rezávamos. Isso nos ajudou a nos sentirmos realmente participantes de um grupo. O musical tinha como centro o nosso sentimento de perda, de dor e sofrimento, sobre a vida e a morte, temas muito importantes para nós. O musical ajudou-me realmente a refletir sobre estes temas em nível pessoal”.

Tsang Long Tins, pianista, afirma: “Comecei a participar do grupo desde criança, no início apenas ocasionalmente. Alguém soube que eu tocava piano e

me pediu para participar do musical. Admito ter ficado muito ansioso. Se houvesse erros, todos perceberiam, porque a atuação era sempre ao vivo. Não podia fazer outra coisa senão limitar a ansiedade entregando-me a Deus e pedindo-lhe que eu pudesse fazer bem a minha tarefa, pois o que estávamos fazendo era justamente para a sua maior glória”.

As palavras de Ng Chau Yin, atriz protagonista: “Amo este grupo. Fizemos muitas experiências juntos, e todas elas reforçaram as ligações entre nós. Esta ligação jamais se alterou apesar dos compromissos de cada um, no trabalho ou na escola. Considero esta relação de grupo um grande tesouro. Não só, aprendi que com a graça de Deus e confiando n’Ele, posso superar todas as dificuldades e resolver os meus problemas”.

Cheung King Yip, diretor da coreografia e protestante, disse “Creio sem dúvida que Deus estava dando uma mão ao nosso grupo. Durante o segundo espetáculo houve um problema e o equipamento de áudio improvisamente parou de funcionar. Eu era o chefe naquele momento e quem melhor conhecia a ordem dos passos, mas, naquele instante, não me lembrava de mais nada. Um dos bailarinos começou, então, a bater as mãos no tempo da música, fazendo com que todos recomeçassem a dançar. E, depois de alguns momentos, também os músicos com seus instrumentos, começaram a seguir-nos. Foi então que vi realmente a presença de Deus em nosso musical, que levava realmente a sério, não só o espetáculo como todo o nosso grupo. Deus nos ama, e nós vemos os frutos disso”. ■





Um Pentecostes de alegria

«Sede alegres: a vossa alegria seja genuína e venha de uma consciência livre do pecado».
Dom Bosco



Jovens de todas as presenças salesianas da Áustria reuniram-se em Unterwaltersdorf (Viena), para celebrar os 100 anos da presença salesiana, aproveitando também para celebrar nessa ocasião o ano Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco. Participaram cerca de 220 jovens, vindos de todos os nossos centros juvenis, paróquias, oratórios, escolas e pensionatos para estudantes e operários. Um dia abençoado duas vezes para a alegria dos salesianos austríacos e dos jovens reunidos. A equipe de Pastoral Juvenil organizou o evento, para encontrar-se, estar juntos, jogar, trabalhar, conhecer-se e rezar uns pelos outros. O evento Pfingst – ou seja, Pentecostes – foi coordenado pelo padre Herbert e sua equipe, coadjuvados pelos padres Rudolf Osanger e Petrus Obermüller, ambos salesianos, com os demais salesianos, rodeados por numerosos jo-

vens. Este evento de alegria especial durou 2 dias. Dois dias totalmente cheios de atividades como esportes, futebol e o estupendo logo do evento Pfingst para preencher, atividades de Mehndi, música, dança e canto, um concerto ao vivo, atividades espirituais, sem esquecer a envolvente noite do fogo. Foi organizado também um torneio de futebol entre as diversas equipes, vindas de todas as presenças salesianas da Áustria. No final do segundo dia, o padre Rudolf Osanger entregou os certificados de mérito aos vencedores dos vários esportes e jogos. “Foi um verdadeiro festival dos jovens, especialmente para os jovens”, como afirmou ao final do encontro. Com a bênção de Dom Bosco, seguindo o seu exemplo e as suas palavras, servimos realmente o Senhor em santa alegria. E vimos esta santa alegria também no rosto de cada jovem. ■





Texto: Bernard P. Nolasco

Espiritualidade salesiana

E ACAMPAMENTOS DE FÉRIAS

Os acampamentos de férias ajudam os jovens a passarem o tempo livre de modo inteligente, desenvolvendo-se na mente e no espírito. Enquanto se divertem ao ar livre, os jovens podem aprimorar os talentos e capacidades que Deus lhes deu para o bem comum. Os acampamentos salesianos de jovens continuam a oferecer a oportunidade de se enriquecerem compreendendo que cada um deles é capaz de enfrentar as dificuldades que a vida lhes oferece.

Mantendo a sua tradição formativa, em todas as suas realidades, como escolas, oratórios e paróquias, os Salesianos de Dom Bosco da Inspetoria Filipinas Norte (FIN) continuam a organizar todos os anos os acampamentos de férias nos quais os jovens expressam a própria alegria e o seu otimismo de estarem com Dom Bosco. Com a ajuda dos jovens mais velhos, os salesianos desenvolvem metodologias que ajudam os jovens a apreciarem a própria idade, guiam-nos no uso de suas energias de adolescentes de modo positivo e, ao mesmo tempo, preparam-nos para uma vida cristã significativa e responsável.

Em preparação ao Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco em 2015, a Inspetoria FIN pensou em realizar para o verão de 2014 um grande acampa-



mento em nível inspetorial. Na fase de idealização e programação, o padre Guanencio Carandang, coordenador da Comissão de Jovens Ministrantes (CYM),

tomou como inspiração o “Código dos Campeões” redigido pelo padre Armand Robleza e usou-o como esquema básico do acampamento. Seguindo o exemplo de São João Bosco, campeão da juventude, o acampamento tinha como finalidade que cada jovem se inspirasse no pai, mestre e amigo da juventude, com a esperança de ser campeão para as pessoas que encontra todos os dias, em particular os seus coetâneos. Champoree (nome do acampamento, entre Campeão e Jamboree) foi capaz de oferecer aos mais de 400 jovens uma vasta gama de atividades recreativas e espirituais, que fez deles campeões uns para os outros. As equipes nas quais os jovens estavam divididos tomaram os nomes de jovens bem-aventurados da Igreja (Sávio, Tarcísio, Namuncurá, Vicuña, Calungsod, Gorretti, Kesy e Luwanga); em cada equipe havia jovens das diversas casas salesianas. O objetivo das atividades não era desenvolver a competição, mas aumentar em todos o desejo de bondade para serem campeões de santidade. Nos momentos de reflexão orientada, pessoal e de grupo, deram-se várias discussões e vários momentos de partilha para favorecer a assimilação e integração de cada atividade na vida pessoal e cotidiana.

Os jovens do DBTI de Tarlac, DBA de Pampanga, DBTC

de Mandaluyong, DBC de Canlubang, Caritas DB School de Santa Rosa, das paróquias Domingos Sávio, Ildefonso, Maria Auxiliadora de Mayapa, Dom Bosco de Santa Rosa, Dom Bosco de Batualo, Dom Bosco de Calauan, gozaram da companhia de jovens da própria idade por quatro dias, rezando, cantando, dançando e apresentando peças teatrais, mas, sobretudo, criando novas amizades. Procuraram decodificar o “Código dos Campeões” em qualquer condição meteorológica, entre muitíssimas atividades que exigiam total cooperação e dedicação de cada participante. Em todas as atividades do acampamento, os jovens deram o melhor de si para serem verdadeiros campeões: cultivar o próprio caráter, ter um coração de ouro, ter uma missão a cumprir, manter o equilíbrio, dar prioridade ao Espírito.

Champoree aconteceu de 1º a 4 de maio, dois dias antes da festa de São Domingos Sávio (6 de maio), verdadeiro campeão para todos os jovens. E quando a cada participante foi pedido para compartilhar com os outros as belas coisas aprendidas nos quatro dias de acampamento, cada um sabia que podia citar como exemplo este jovem de 15 anos que bem exprimia como viver e pôr em prática o código dos campeões aprendido naqueles dias. ■



Movimento Dom Bosco Movido a Rodas



1815 • DON BOSCO • 2015

O MOVIMENTO DOM BOSCO MOVIDO A RODAS VIVE O SISTEMA PREVENTIVO SALESIANO AJUDANDO OS JOVENS MENOS AFORTUNADOS A RECUPERARAM A ALEGRIA E A ESPERANÇA NA VIDA.

Texto: Hugo Orozco

“Depois do acidente era quase como se tivesse deixado de viver, meus amigos estavam cansados de visitar-me, minha família estava cansada de fazer tudo por mim, e eu estava numa cama, incapaz de mover-me. Tinha raiva da vida, de Deus, de mim mesmo. Pensava estar morto mesmo ainda estando vivo. Até quando, certo dia, um padre veio visitarme e perguntou-me por que estava deitado se estava vivo. A verdade é que tinha raiva por dentro. Mas Dom Bosco surgiu na minha vida movido a rodas, fez-me levantar, deu-me novamente a vida, deu-me forças para ser independente.”

A experiência de ter sido vítima de um acidente é sempre algo que marca a vida: de quem sofre e de quem está bem. Ainda mais se há consequências irreversíveis como danos à coluna vertebral. Ajudas, reabilitação e apoio adequados às pessoas que não são mais capazes de caminhar ou de permanecer em pé de modo autônomo, às vezes não são nem adequados nem apropriados. A situação torna-se ainda mais dramática quando não há um suficiente apoio econômico ou de reabilitação. Há jovens de 10 a 30 anos que fazem “escondidos”, “reclusos” nos próprios leitos, em suas casas, com nenhuma alternativa à deficiência de que são escravos.

Sahuayo é uma cidade de média dimensão, na região de Michoacán, no México. Por mais de 50 anos, os Salesianos de Dom Bosco estão presentes com a sua obra social e educativa. Após o Capítulo Geral 26, no qual se pedia para encontrar novas fronteiras para

o carisma de Dom Bosco, o padre Jaime Reyes Retana, SDB, membro da comunidade local, iniciou aquele que, anos depois, seria chamado de Movimento Dom Bosco Movido a Rodas. Algo totalmente novo e do qual havia urgente necessidade. Durante os últimos dez anos foram muitas as circunstâncias que levaram o padre Jaime Reyes a estudar o assunto, entrar em contato com muitas pessoas e envolvê-las sempre mais. Hoje, o Movimento Dom Bosco Movido a Rodas é uma associação para todos os efeitos; conta com mais de 800 simpatizantes em diversas cidades e também é dotado de uma oficina para a construção de cadeiras de rodas. Sua missão principal é cuidar de crianças e jovens em condições extremas de pobreza que têm deficiências motoras, convidá-los a partilhar seus problemas com outras pessoas a fim de se poder encontrar para eles os meios necessários de desenvolvimento e integração na sociedade.

A experiência da recuperação de suas vidas é logo vista pelos seus olhares. São todos jovens com os mesmos desejos, a necessidade de ter amigos, de sentir-se parte de um grupo, participar de esportes, trabalhar, socializar-se, tocar algum instrumento, dançar. Para eles, reaver a independência social e viver em sociedade também significa voltar a dar um verdadeiro sentido às suas existências. Se a tristeza e o choque de ter perdido as habilidades motoras os tinham imergido numa escura e profunda depressão, que envolvia a própria vida interior, eis que chega agora a felicidade de poder encontrar novas oportunidades de vida. O esforço que envolve a luta e a constância envolve bem mais o seu otimismo, a sua vontade de viver, a alegria de encontrar outras pessoas e, portanto, a possibilidade de “fazer paz com Deus”. É Dom Bosco quem inspira a busca de jovens que estão um pouco escondidos e, obviamente, ficamos

felizes de poder recuperar a vida de cada um deles, ainda mais quando se sentisse totalmente perdido. Estamos também convencidos de que ninguém está ao seguro quando se vê sozinho; sempre precisamos dos outros. Por isso, acreditamos na responsabilidade e no envolvimento de todos os cidadãos na vida social de todos os dias. No Movimento Dom Bosco Movido a Rodas, compartilhamos os valores de uma espiritualidade que nos foi inspirada pela ação de Dom Bosco e dos salesianos: espírito de família, comunhão, trabalho, caridade, responsabilidade, solidariedade e liberdade. O sentimento de proximidade do Sistema Preventivo de Dom Bosco é uma parte muito importante do nosso Movimento. Padre Jaime e alguns jovens voluntários aprenderam como empurrar as cadeiras de rodas não só como expressão de solidariedade, mas como desejo de estar



NO MOVIMENTO, SÃO COMPARTILHADOS OS VALORES DA
ESPIRITUALIDADE SALESIANA ATÉ CONSEGUIR UMA OFICINA ONDE
SE CONSTROEM CADEIRAS DE RODAS PARA OS MAIS POBRES.



próximo de quem é ajudado. Vão com eles nas cadeiras de rodas a qualquer lugar, aos encontros, à Missa, aos jogos, aos bailes, aonde quer que alguém precise ir. A Semana Santa foi uma grande oportunidade de renovação da própria fé para os membros do Movimento. O Movimento Dom Bosco Movido a Rodas, como o grão de mostarda do Evangelho, ainda é uma pequena realidade, mas é o início de novos horizontes que oferecem sombra, refúgio, serenidade e tranquilidade a um bom número de jovens. Como nos tempos de Dom Bosco, basta que existam jovens para que eles sejam muito amados em Deus, para vê-los felizes agora e na eternidade, pois somos os olhos do Bom-Pastor que sempre procura os que não são capazes de ver. Que o Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco nos encha abundantemente de paixão apostólica por todos os jovens das nossas cidades, que não vemos, mas que existem e que estamos esperando. ■





Espiritualidade
alegre





Por Osvaldo Gorzegno Davico/Juan Carlos Quirarte

A fronteira quente

MÉXICO-ESTADOS UNIDOS

A oferta pastoral e educativa das inspetorias salesianas MEG e SUO, distribuída pela fronteira entre México e Estados Unidos, concentra-se nas áreas mais povoadas, nas periferias das cidades e em outras regiões estratégicas. Oferece programas escolares, de saúde e de evangelização. Conta com 13 centros juvenis, 6 paróquias (uma em território americano), uma escola e um centro de convivência comunitária com programas escolares e sanitários para migrantes, deportados e gente local.



A FRONTEIRA É VISTA COMO SINAL DE ESPERANÇA PARA OS MEXICANOS, MAS COMO PERIGO PARA OS AMERICANOS.

Muitos lugares, por variadas razões, tornam-se canais para os quais convergem grandes fluxos de migrações humanas. Um deles é a fronteira entre o México e os Estados Unidos, uma área longa cerca de 3.200 quilômetros. Nessa região há muitos postos de bloqueio, e é aqui que se concentra o maior número de pessoas que desejam, legal ou ilegalmente, passar a fronteira com um sistema muito artificial de controle da parte do governo americano.

A passagem dos limites pode acontecer em 23 lugares, 8 dos quais veem 94% do fluxo migratório, nas duas direções. Esses bloqueios podem ser divididos em três categorias:

- Cidades de fronteira de tipo tradicional e em posição estratégica: Tijuana-San Diego (oeste), Ciudad Juárez-El Paso (centro) e Matamoros-Brownsville (leste).
- Cidades de fronteira menos famosas: Mexicali-Calexico, Piedras Negras-passo dell'Aquila, Nuevo Laredo-Laredo (Texas) e Nogales Sonora-Nogales (Arizona).
- Novos locais de travessia: Reynosa-Mc Allen, Ciudad Acuña-Del Río e Sásabe, no deserto do Altar (Estado de Sonora).

Os salesianos da Inspetoria MEG (México-Guadalajara) têm 7 comunidades ao longo da fronteira (Nuevo Laredo, Piedras Negras, Ciudad Juárez, Nogales, Mexicali e Tijuana; os salesianos da Inspetoria SUO (Inspetoria dos Estados Unidos Oeste) têm uma em Laredo (Texas) e muitas outras no sul da Califórnia. Nos últimos trinta anos, na fronteira dos dois Estados, ocorreram profundas transformações nas dinâmicas sociais com consequências nos processos migratórios; verificaram-se mudanças consideráveis no volume, nas direções das transferências e, com o passar do tempo, também novas tipologias de migração. Podemos traçar, então, quatro tipos de fluxo migratório, conforme a proveniência:

1. Imigrantes que chegam às cidades de fronteira, com o desejo de retornar ao próprio país, depois de um período de trabalho nos Estados Unidos.



MUITOS JOVENS COM QUEM OS SALESIANOS SE ENCONTRAM
FORAM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA E DE ABUSOS.

2. Mexicanos “sem documentos” presos nos locais de bloqueio nos Estados Unidos e, depois, repatriados.

3. Cidadãos de outros países que se encontram temporariamente nas cidades de fronteira para trabalho ou em busca de trabalho, que, contudo, retornarão aos seus lugares de origem (situação típica da fronteira setentrional).

4. Habitantes de outras regiões do país que chegam às cidades de fronteira do Norte com o desejo de trabalhar por ali ou ir aos Estados Unidos em busca de trabalho (situação típica da fronteira meridional).

Para as gerações jovens, nascidas já num ambiente de fronteira entre dois Estados, esta é a única realidade conhecida, que podem ver e tocar. Para os jovens, ultrapassar os limites, não é nada mais do que uma imagem social, resultado de situações mais recentes:

- Políticas migratórias criadas pelo governo dos Estados Unidos e pelos seus parlamentares, com a finalidade de reforçar a segurança, sobretudo depois do 11 de setembro.
- O clichê já unido à palavra “fronteira México-Estados Unidos”, visto como esperança para os mexicanos, mas como perigo para os americanos.
- Um lugar como outros, para o tráfico de drogas, armas, homens e dinheiro.

Para quem se ocupa dos jovens, para quem nasceu depois da segunda metade dos anos 1980, as zonas de fronteira entre o México e os Estados Unidos são percebidas como áreas de tensão internacional, exasperadas em grande parte por razões sociais e políticas nos dois países. Trata-se de áreas de suspeição, conflito, fluxo e, às vezes, de bloqueio. As relações de fronteira nem sempre são tranquilas, mas nem por isso significa que devam ser sempre assim; de fato, os jovens veem esta demarcação como um argumento difícil de enfrentar. Seguindo a tradição salesiana, a nossa oferta consta de programas educativos, de evangelização e de desenvolvimento humano. Somos um ponto de referência para crianças e jovens, oferecemos-lhes atividades de tempo livre, iniciativas culturais, oportunidades de recuperação escolar e para o itinerário escolar normal, tudo sempre no total respeito às origens multiculturais das comunidades das zonas de fronteira.

Diante da situação de violência e insegurança social criada nos últimos anos, nós salesianos nos esforçamos para educar à paz, ao trabalho para a integração social, à prevenção da dependência das drogas, procurando impedir que esses jovens entrem no giro da criminalidade organizada, oferecendo uma presença fraterna, cheia de caridade cris-



tã para aqueles que foram vítimas da violência. O testemunho da nossa vida religiosa também é parte importante da nossa presença nas zonas de fronteira. Nestes lugares, vemos a urgência de encorajar o encontro com Jesus, recuperar e aprofundar a fé nas várias expressões. Este trabalho exige dedicação e tenacidade constantes em meio a tantos problemas pastorais, econômicos e sociais.

Desde o início da nossa primeira presença no limite setentrional do México, contamos com a ajuda de voluntários vindos de diversos países (Áustria, Espanha, Itália, Argentina etc.). Ficavam por breves períodos (acampamentos de verão, férias de Natal ou de Páscoa) ou também por períodos mais longos. A todos, de coração, a nossa gratidão mais sincera. As duas Inspetorias tiveram muitas vezes a ocasião de encontrar-se para refletirem e trocarem ideias, aprendendo a receber não só a ajuda dos voluntários, mas também de pessoal salesiano em formação.

Após o encontro de conjunto realizado em Salvador, em 2011, o tema da nossa proposta pastoral nas zonas de fronteira tornou-se objeto de programação futura para as duas Inspetorias, com a possibilidade de criar no futuro uma comunidade salesiana internacional. ■



Um corredor e 12 portas

Ser educador na Casa Dom Bosco permitiu-me crescer não só em nível profissional, mas, ao mesmo tempo, como pessoa. Todos os dias há momentos de alegria e outros mais trabalhosos, mas todos são experiências memoráveis, porque são experiências de vida que não podem ser esquecidas.

Texto: Luis Miguel Avilés

O meu olhar quase se perdia no longo corredor com suas 12 salas. Meus ouvidos só percebiam o silêncio de uma quente manhã de agosto. Tinha os cabelos um pouco desalinhados, a língua e a boca não conseguiam ficar paradas por causa da tensão que, apesar do passar dos minutos, não parecia diminuir. O nariz começava a perceber os pequenos odores que chegavam de além das paredes, e o meu coração sentia que este lugar se tornaria logo algo especial e o tempo haveria de demonstrá-lo. Tinha 21

anos. Podia-se pensar que eu era muito jovem para trabalhar num Centro para Proteção de Menores. Era verdade, mas o desejo de me dedicar à educação dos jovens ia além da barreira da idade. Recordo-me daquele primeiro dia como se fosse ontem, e já se passaram bem 2 anos e 7 meses, nos quais me tornei como uma criança de 3 anos e, como se diz das crianças pequenas, tornei-me como uma esponja; observei centenas de vezes os meus colegas, que me ajudaram a crescer como educador; considero-os ver-



DURANTE ESTE TEMPO, APRENDI A GRATIDÃO, A SER CONSTRUTIVO E O SENTIDO DE FAMÍLIA.

dadeiros profissionais, pessoas muito qualificadas e, sobretudo, muito humanas.

A minha experiência na Casa Dom Bosco poderia ser bem resumida em uma única palavra: “submissão”, porque estive nessa situação muitas vezes..., pelos modos afetuosos, amigáveis e divertidos com que os educadores realizam o seu papel; pela bela atmosfera entre a equipe educativa e a administração; pelas experiências dos jovens hóspedes; pelo envolvimento da equipe; e, agora que conheço bem o espírito salesiano, realmente não fico mais admirado com isso tudo, porque é a sua característica que gosto de compartilhar (e não há como ganhar de um deles numa partida de pingue-pongue...).

E se não tivesse de resumir a minha experiência na Casa Dom Bosco com uma só palavra, mas pudesse acrescentar outras a ela, diria então: gratidão, construtividade, sentido de formação e de família, e muitíssimas outras, mas prefiro ficar com o que me é mais familiar. Ir todos os dias ao trabalho e passar algum tempo com os garotos, com o pensamento e a esperança de que um dia este momento possa aflorar na mente dos garotos quando tiverem momentos difíceis a enfrentar, e pensar que uma coisa dita ou feita algum dia, ou ensinada, possa ajudar estes jovens. Sim, creio que seja a coisa mais gratificante que pode acontecer na minha vida.

Ser educador na Casa Dom Bosco fez-me crescer profissionalmente, mas, sobretudo, deu-me a possibilidade de crescer como pessoa, pois a cada dia há situações diverti-

das e outras não tanto, experiências de vida que jamais se conseguirá cancelar da memória e que nos marcam por toda a vida.

Mas nem sempre foram flores. Nestes anos, na Casa Dom Bosco, houve momentos nos quais me senti bem, satisfeito comigo mesmo e com o meu trabalho, mas houve também circunstâncias difíceis, nas quais me perguntava se era realmente apto a esse tipo de trabalho, momentos em que eu tinha pouca autoestima, momentos em que me vi enfrentando uma situação difícil tanto em nível profissional quanto pessoal. E foi justamente nesses momentos que eu encontrei pessoas que me apoiaram e ajudaram a tomar a decisão certa. No meu caso, foram os membros da minha família ou os colegas, e a cada vez percebi que devemos estar ali, presentes para os garotos, de modo que percebam que devem enfrentar um problema com o meu, e então possam nos ver como ponto de referência, porque somos parte importante de suas vidas assim como a minha família e os meus colegas o foram para mim.

Já se passaram 2 anos e 7 meses, e eu continuo a olhar para este corredor com o mesmo olhar, a escutar o mesmo silêncio; recordo-me do odor e tomo um pouco de ar pensando em quão importante foi para mim aquele primeiro dia. Recordo-o sempre como se fosse ontem, tão vivo está em mim.

A única coisa que mudou foi justamente eu, quem eu era naquele primeiro dia e quem sou hoje. Reconheço que aprendi muito, e ainda tenho muito a aprender. ■



Deus é o meu refúgio

Texto: Manolo Cayo

DEUS CONVIDA A TODOS À SANTIDADE.



Escrevo de Córdoba, onde sou inspetor e, ao mesmo tempo administro a casa do pós-noviciado. Ao falar nestes dias com muitos dos meus irmãos, posso afirmar que ainda é muito viva a memória de Gonzalo Acosta, um jovem originário de Salta,

pequena cidade do nordeste da Argentina, que foi companheiro deles por alguns anos no pós-noviciado e também de outros no noviciado. Deixou-nos em setembro, depois de um intenso período de discernimento, mas criou uma ligação que perdura ainda hoje.

Gonzalo morreu num acidente rodoviário na manhã de Páscoa de 2014. Tinha só 22 anos. Muitos foram de Córdoba a Salta, mais de 800 quilômetros, para dar-lhe o último adeus. Todos esperavam ter de enfrentar um momento difícil, mas em meio a tanta dor, ficaram impressionados pelo clima de serena alegria que reinava, porque é isso que se tem quando colocamos as nossas esperanças no Senhor Ressuscitado.

Havia muitos violões no funeral, muitos amigos falaram da sua vida, foram muitas também as histórias e os testemunhos ricos de entusiasmo a seu respeito; a cerimônia fúnebre foi uma verdadeira e própria celebração de gratidão a Deus pelo dom da vida de Gonzalo. Novamente, Gonzalo nos dava uma verdadeira e própria lição de vida. Entre as muitas lembranças que posso compartilhar há um pequeno texto que escreveu aos 14 anos de idade. Cito alguns dos seus pensamentos:

“Há um convite que nós todos recebemos e pelo qual Deus nos deu uma infinidade de presentes. É o chamado à santidade, algo possível, sim, e a que todos devemos dar prioridade. Fazemos tesouro de cada pequena coisa e chegaremos então à santidade”; “Todas as lembranças que tenho do oratório são belas lembranças: os momentos passados juntos, as escaladas das colinas próximas, os passeios ao longo do rio, os torneios de futebol, as sedes do oratório que instalávamos nos lugares de missão; mas não há nenhuma dessas lembranças que possa superar a de estar juntos entre amigos, e nenhuma outra experiência que valha a pena de ser vivida além da que compartilhei com todos eles”.

Uma das características-chave de um salesiano é o serviço, o serviço incansável oferecido com amor.

Um serviço nada fácil de encontrar hoje entre nós jovens. É algo único, não tem rival, é oferecido para dar futuro a uma vida. Todos podemos participar deste serviço e criar um novo futuro. “Maria Auxiliadora é a minha mãe; fez com que Dom Bosco tivesse o seu sonho, e despertou nele o chamado à santidade, o desejo de ter um coração santo. Se faz com que um garoto de 14 anos queira ser santo, o que, então, será impossível?”.

Estas palavras, pronunciadas há 9 anos, foram vividas intensamente em todas as decisões que tomou em sua vida. Estamos certos disso graças ao testemunho das pessoas que o acompanharam no seu caminho de vida. É justamente por isso que a sua vida foi tão rica de frutos, apesar da brevidade. A sua partida foi para todos algo de inesperado, mas o seu coração, não: ele estava certamente pronto.

Gonzalo veio-me à mente justamente no dia em que se comemora Domingos Sávio: um santo jovem, alguém que entendeu que podia viver profundamente a própria existência terrena. Não devia esperar “amadurecer” para produzir frutos abundantes, porque cada passo dado na vida já continha em si a plenitude. Era um santo que encontrara outro santo pastor e educador, que confiara nele, que entendera a sua sede de Deus e o encorajara a empreender esta aventura.

Fazer memória de São Domingos Sávio, leva-nos a fazer duas coisas: antes de tudo, pensar que existem muitas pessoas como ele, não só Gonzalo, mas muitos outros, que querem viver a vida em profundidade, que querem dar um significado à própria existência (e não pensemos apenas de modo pessimista na condição juvenil atual). Em segundo lugar, escutar e considerar com seriedade o desejo que brota no espírito de muitos adolescentes e jovens, de modo que se possa servir de guia a partir de agora! É muito triste, de fato, ver um educador e pastor que minimiza, relativiza e transcura o que está presente no coração de um jovem, avaliando-o como um ser “incompleto” (olhando, portanto, apenas e exclusivamente do ponto de vista de pessoa adulta).

Durante o último retiro que Gonzalo fez há dois meses, escreveu algo que bem sintetiza o seu desejo de vida e os seus planos para o futuro: “Deus é o meu refúgio...”. É a partir disso que a sua vida continua a falar-nos, justamente como o faz a vida de Domingos Sávio, a 157 anos de distância. ■



Texto: Padre Sony Pottenlackal



A missão do grupo

“Domingos Sávio e Dom Bosco”

Os jovens que frequentam as duas presenças salesianas em Monróvia – a obra Dom Bosco da rua 8 e a de New Matadi – animam uma iniciativa comunitária de sensibilização e educação preventiva para combater a epidemia do vírus ebola. Educação e conhecimento são as melhores armas para vencerem este vírus mortal.



A Libéria é o país mais atingido pelo contágio, e a capital Monróvia é a zona em que parece mais difícil conter a epidemia que, só na Libéria, causou até agora mais de 1.800 mortes. Os jovens iniciaram a luta contra o ebola nas ruas de Monróvia com o lema “Each One Reach One” (cada um alcance uma pessoa). No primeiro momento foram treinados por agentes sanitários e médicos do Ministério da Saúde e da Previdência Social, e pela equipe de formação do projeto de Resposta ao ebola promovido pela Igreja Católica, guiado pelo doutor Timothy Flanigan, especialista em doenças infecciosas na Brown University, de Rhode Island, Estados Unidos, que também é diácono permanente.

Operativamente, estes jovens – 105 entre rapazes e moças, divididos em duas equipes – vão de comunidade em comunidade, pelas ruas da cidade e favelas, instruindo as pessoas sobre o modo de evitar a infecção e proteger a si mesmas e suas famílias. Dessa forma, os jovens assumiram o papel de guias e pioneiros na luta contra o medo e a ignorância, para levar esperança e uma atitude positiva. Eles exprimem assim o próprio sentido de solidariedade e patriotismo, num momento de crise e sofrimento em todo o país. Até agora, calcula-se que foram mais de 5 mil pessoas alcançadas pela

ação de educação sanitária. As duas equipes de jovens são animadas e acompanhadas pelo padre Daniel Libby, coordenador dos jovens da obra Dom Bosco da rua 8, e padre Raphael Aeorofoam, responsável dos jovens na casa salesiana de New Matadi. As atividades são mantidas pelos salesianos e pela generosidade de muitas pessoas e fiéis da paróquia dedicada a São José, no bairro Capitol Hill.

“Meus amigos e familiares ficaram muito preocupados comigo, nesta situação. Aconselharam-me de todas as formas para que eu retornasse à Nigéria, mas disse a mim mesmo: esta é uma situação que requer a contribuição e ajuda de todos, não importa se pouco, e como Deus me deu vida e boa saúde, estou usando-as pelo bem de outras pessoas”, diz sem meios-termos Josephat, o idealizador e guia do primeiro grupo que se empenhou em enfrentar o vírus.

O contexto social em que os jovens vivem e atuam é sempre muito difícil, dado que apesar de todas as notícias e medidas postas em ação, ainda há muita gente que não acredita que haja uma epidemia de ebola, e, por outro lado, critica e acusa o governo e o Ministério da Saúde de querer roubar dinheiro e preocupar-se apenas em salvar os animais selvagens, macacos e morcegos, os principais transmissores do vírus.



OS VOLUNTÁRIOS FORAM TREINADOS POR AGENTES SANITÁRIOS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE PARA RESPONDER ADEQUADAMENTE ÀS NECESSIDADES PROVOCADAS PELO VÍRUS DO EBOLA.



Por sua vez, o governo só começou a tomar sérias providências depois que um funcionário público, Patrick Sawyer, morreu por ebola na Nigéria (no final de julho, enquanto os primeiros casos na Libéria foram registrados em março). Ao menos 34 pessoas foram curadas do ebola. Do testemunho de muitos deles, o fator mais importante que facilitou notavelmente a cura foi a alimentação correta com os tratamentos adequados dos agentes sanitários. “Isso motivou o nosso grupo a estender a nossa missão diretamente aos doentes de ebola”, conta Josephat. “Dado que não podemos chegar até eles pessoalmente, doamos alimentos, desinfetantes, água mineral, dinheiro (sobretudo para apoiar e motivar os agentes sanitários), cloro e cloreto, sabonete e sabão em pó, contribuindo através da caridade do arcebispo. Compramos o necessário e



O CONTEXTO EM QUE OS JOVENS VOLUNTÁRIOS SE ENCONTRARAM A TRABALHAR FOI SEMPRE MUITO DIFÍCIL.

enviamos ao nosso pároco, que o entrega ao arcebispo e, deles, chega até os vários centros de isolamento para o ebola, presentes em Monróvia. Trata-se de uma iniciativa do arcebispo para dar a contribuição da arquidiocese à luta contra o ebola”. Segundo as estatísticas apresentadas pelo ministro da Informação, em 3 de setembro, foram 1.015 as mortes suspeitas de ebola na Libéria. “A boa notícia é que dois municípios do país estão atualmente livres do vírus; e o município em que está a aldeia onde atuamos agora teve reduzido o número dos casos”, diz Josephat. “Conseguimos encontrar numerosas famílias nesta missão e o Senhor está realmente fazendo grandes coisas. Alguns dos que ajudamos tiveram alta do hospital porque já foram curados do ebola, depois de seguirem os conselhos que tínhamos dado em nossas visitas em cada casa”, afirma ainda Josephat. “A situação do país neste momento é, para dizer pouco, de calamidade. É preciso intensificar a oração e as iniciativas: oração e trabalho. A oração sem uma ação séria está morta.” Sua última viagem não foi fácil. Por causa de algumas fofocas sobre alguns mal-intencionados que estariam envenenando os poços, quando chega-

ram a Gwaa, no município de Bomi, os jovens do Dom Bosco e Domingos Sávio foram presos e mantidos em custódia pela polícia local. Foram interrogados como também algumas famílias que visitaram anteriormente. Nem mesmo as fotografias das expedições anteriores, mostradas pelo celular foram suficientes; só ficaram convencidos de suas boas intenções depois que os obrigaram a usar sobre eles mesmos o material que tinham levado. “Fizemo-lo lavando nossas mãos e nossos rostos com o material sanitário, o que foi seguido de um sincero e prolongado pedido público de desculpas. A notícia que chegara anteriormente da Guiné, onde alguns agentes sanitários foram mortos durante uma de suas visitas de casa em casa para a prevenção do ebola, fez-nos temer pelo pior. O Senhor, porém, realmente nos protegeu e salvou. Não foi fácil para o meu grupo superar este trauma, mas aos poucos fiz com que entendessem que a nossa finalidade é fazer o que fazemos pelo Senhor e para, o mais possível, salvar vidas”. ■



«Estes Salesianos são grandes!»

Texto: Giuseppe Nguyen



Ecumenismo, liberdade religiosa, tutela dos cristãos e das minorias no Oriente Médio..., são muitos os temas no centro da viagem apostólica do Papa Francisco à Turquia. Mas, como de costume, o Papa desejou arranjar um tempo também para os últimos, para os menos considerados da sociedade, como os menores prófugos que são acolhidos no centro para refugiados dos salesianos em Istambul.

A visita do Papa à obra salesiana de Istambul acendeu os refletores sobre uma realidade pouco conhecida que o próprio Pontífice define como “um trabalho escondido”, porquanto muito precioso e expressão evidente da maternidade universal da Igreja. É interessante, por isso, notar o quanto incide o trabalho de poucas simples pessoas sobre a vida dos pequenos refugiados. O encontro entre o Pontífice e cerca de 100 crianças e jovens – cristãos e muçulmanos, prófugos da Síria, do Iraque e do Chifre da África – deu-se na tarde de 30 de novembro, na catedral do Espírito Santo de Istambul, e marcou a última etapa da sua viagem apostólica. Entre o Papa e os jovens refugiados criou-se logo uma proximidade emotiva, com o Santo Padre esclarecendo aos jovens que gostaria de ter-se encontrado com

mais refugiados em sua viagem, mas que não foi possível em vista do programa muito intenso. A maioria dos refugiados, entre 10-11 anos, frequenta a escola administrada pelos salesianos para eles que, com cursos de inglês, os prepara para emigrarem sobretudo aos Estados Unidos, Canadá e Austrália. O Papa, que se entretive por 30 minutos, sentou-se aos pés do altar enquanto os jovens estavam nas primeiras fileiras dos bancos da igreja.

“Continuem a esperar”

O padre Andrés Calleja, diretor da escola, saudou o Papa em espanhol. Depois, uma garota iraquiana cristã tomou a palavra para narrar “a situação dramática da qual fugiu e as dificuldades com que vivia, não podendo ir à escola e vivendo em situação de risco”. Momento tocante foi quando os jovens cantaram para o Papa uma canção em espanhol, inglês e árabe, acompanhados ao violão pelo padre Calleja.

“Queridos jovens – disse depois o Papa – não percam a coragem. Com a ajuda de Deus, continuem a esperar um futuro melhor, apesar das dificuldades e dos obstáculos que estão enfrentando agora. A Igreja Católica,



«DEUS NÃO SE ESQUECE DE NENHUM DOS SEUS FILHOS. OS MAIS PEQUENOS
E OS QUE MAIS SOFREM SÃO OS MAIS PRÓXIMOS DO SEU CORAÇÃO DE PAI».

PAPA FRANCISCO



também mediante o precioso trabalho dos salesianos, está perto de vocês e, além de outras ajudas, oferece-lhes a possibilidade de cuidar da própria instrução e formação. Recordem-se sempre de que Deus não esquece nenhum de seus filhos, e que os mais pequenos e os que mais sofrem estão mais perto do seu coração de Pai.” Falando aos jovens, o Santo Padre dirigiu novamente um apelo à comunidade internacional. “As condições degradantes em que devem viver muitos refugiados são intoleráveis! Por isso, é preciso fazer todos os esforços para remover as causas desta realidade. Lanço um apelo à maior convergência internacional

que se volte a resolver os conflitos que cobrem de sangue suas terras de origem, a opor-se às outras causas que levam as pessoas a deixarem a própria pátria e a criar condições para que possam permanecer ou retornar.” O Papa continuou a dizer: “Da minha parte, com toda a Igreja, continuarei a dirigir-me com confiança ao Senhor, pedindo-lhe que inspire aqueles que ocupam papéis de responsabilidade, para que promovam a justiça, a segurança e a paz sem indecisões e de modo realmente concreto. Através de suas organizações sociais e caritativas, a Igreja permanecerá ao lado de vocês e continuará a apoiar a causa de vocês diante do mundo”.

Retornando ao Vaticano, na primeira audiência, em 3 de dezembro de 2014, o Papa, como de costume, compartilhou com os fiéis as impressões tidas durante a sua viagem à Turquia. E percorrendo as suas etapas salientes, Papa Francisco recordou com comoção os pequenos refugiados encontrados em Istambul e os salesianos que cuidam deles. Estas as palavras do Papa: “O último encontro – belo e também doloroso – foi com o grupo de jovens refugiados, hóspedes dos salesianos. Era muito importante para mim encontrar alguns prófugos das zonas de guerra do Oriente Médio, quer para exprimir-lhes a proximidade minha e da Igreja, quer

para sublinhar o valor da acolhida, no que também a Turquia está muito empenhada. Agradeço novamente à Turquia pela acolhida de tantos prófugos e agradeço de coração aos salesianos de Istambul. Estes salesianos que trabalham com os prófugos são grandes! Encontrei também outros padres e um jesuíta alemão e outros que trabalham com os refugiados, mas aquele oratório salesiano dos prófugos é uma bela realidade, é um trabalho escondido. Agradeço muito a todas as pessoas que trabalham com os refugiados. E rezemos por todos os prófugos e refugiados, e para que sejam removidas as causas desta chaga dolorosa”. ■



A espiritualidade de quem emigra em busca de trabalho

Texto: Star Tuazon



Oito anos atrás, eu estava num avião. Meta: Israel. Ali, só conhecia uma pessoa: minha tia. Sentia-me com uma mistura de emoções. Era minha primeira viagem ao exterior; uma imensa vontade de independência; medo do desconhecido; ansiedade em vista das reportagens da TV sobre a condição de vida em Israel. Só naquele momento percebi que a bordo estavam também outros quatro filipinos, e todas essas sensações desapareceram num piscar de olhos. Estabelecemos logo uma amizade que perdura ainda hoje, à distância de muitos anos.

Estar em Israel significava estar longe da minha família. Por sorte, há o Skype, mas isso não cancela a nostalgia de estar com eles. A presença virtual é belíssima, certamente, mas deixa de algum modo um buraco no coração, difícil de preencher. As pessoas encontradas naquele voo compartilhavam a minha condição, expe-

rimentavam os meus medos. Tornaram-se logo pessoas de confiança, presentes nos momentos difíceis, um ombro onde chorar. Não importa se vêm do Sul ou do Norte. Agora, fazem parte da família. Devo agradecer, sobretudo pelo dom da Igreja. É a primeira coisa em que se pensa quando chega o dia livre da semana. Um santuário, um refúgio seguro, um lugar onde encontrar-se, desafogar o próprio coração, sussurrar a Deus o que se está vivendo. Coisas que não se podem dizer nem mesmo aos amigos ou às pessoas mais íntimas.

Agradeço ao Senhor também pela comunidade filipina de Tel Aviv, Jaffa, Rehovot, Netanya, Haifa, Nazaré, Jerusalém e Kiriath Shemona, a comunidade do Bom-Pastor da Agron Street, próxima do consulado americano, pouco distante do local em que Isaías profetizou o nascimento da Virgem. Obrigado à Comunidade São Lourenço dos salesianos do Instituto Ratisbonne. Sempre participei das Missas dos salesianos nas quartas-feiras e sábados à noite. Sendo filipino, corre uma grande fé pelas veias. Provavelmente, se não fossem os filipinos, várias igrejas no mundo de hoje estariam fechadas, como me disse um amigo



A COMUNIDADE FILIPINA É SEMPRE MAIS NUMEROSA.

OS FILHOS DE DOM BOSCO GARANTEM A MUITOS IMIGRANTES

OS CUIDADOS ESPIRITUAIS E SOCIAIS DE QUE PRECISAM.



sacerdote salesiano. Sendo filipino tem-se também a sensação do sacrifício. Sobretudo aquele pelo bem da própria família. Deixar os filhos, a casa, a pátria para um trabalho que não se pensaria realizar na Pátria, como ser acompanhante de idosos, doméstico, trabalhador em terraplenagem, marinheiro. Desconforto contínuo, solidão, saudades de casa, discriminação por anos e anos. Isso significa elasticidade, habilidade de ver o lado positivo em tudo, capacidade de adaptação. E, sobretudo, significa ter grande sentido de generosidade: ir até os mais desafortunados, às vítimas das muitíssimas e constantes calamidades que envolvem a nossa amada terra, as igrejas, as crianças.

Ser filipino na Terra Santa é outra coisa, algo a mais, algo especial. E o algo especial é justamente a Terra

ESTAR E VIVER NA TERRA DE JESUS É PARA UM FILIPINO ALGO DE ESPECIAL.



Santa. Quem diria que algum dia haveria 40 mil filipinos em Israel? Estamos aqui, vivemos, trabalhamos, amamos esta terra de leite e mel. A terra que Deus prometera a Abraão, a terra onde Jesus caminhou, trabalhou, sofreu, morreu, e também ressuscitou. A terra de que ouvíamos falar no catecismo ou na Missa. Não somos apenas afortunados, mas também abençoados porque vivemos aqui, trabalhamos aqui, com e para estas pessoas pré-escolhidas. Jerusalém, Belém, Galileia e Jericó: de algum modo Jesus esteve presente aqui, bebeu destas águas. Visitando estes lugares, sentia-me à vontade, quando organizava passeios para os meus amigos, passeios que servem também para recolher fundos para os projetos sonhados pelos nossos corações. E, ainda, há os meus esconderijos preferidos, lugares aonde vou para estar um pouco sozinho,



COM SUA PRESENÇA, OS FILIPINOS DETÊM A DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE CRISTÃOS NA PALESTINA.

sozinho comigo mesmo: o Santo Sepulcro, a Igreja da Dormição, São Pedro “ao canto do galo”. Não quero esquecer a colorida festa de Santa Cruz, em maio, a festa do nosso amado São Lourenço Ruiz de Manila, em setembro, e talvez, quem sabe logo, a festa de São Pedro Calungsod. Com bailes e danças, cores e música e, obviamente, muita comida filipina. E, depois, o Santo Natal, com a diferença que quem como eu vive aqui, tem a felicidade de poder passar o dia todo em Belém.

Mas, claramente, nem tudo são flores. Há também pessoas que não têm tanta liberdade assim: em algumas famílias judaicas não são permitidos rosários, Bíblias, imagens, escapulários; não há tempo livre e possibilidade de participar da Missa dominical, nem visitar os lugares sagrados. Ou são presos pela ansiedade de mandar dinheiro às próprias famílias ou de encontrar outro trabalho nos tempos de vacas magras.

Em nossos encontros há muita fé e amizade. Mas também muita comida! Não há encontro sem comida, que muitas vezes não é possível fazer nas casas judaicas

onde trabalhamos, “pansit, adobo, dinunguan, arroz quente”. Durante a semana, é bom pensar no momento em que poderemos apreciar o nosso alimento tradicional, e saber que podemos compartilhá-lo com nossos amigos salesianos. Todos nós sabemos que nestes tempos, a comunidade cristã em Israel e na Palestina é sempre menos numerosa. O que não se sabe é que está crescendo o número de novas comunidades cristãs. Quem haveria de imaginar que a presença dos católicos fosse reforçada pela chegada de tantas comunidades de imigrantes como as dos filipinos? Estas são as pequenas “brincadeiras” de Deus, como diz o padre David Neuhaus. “Numa terra em que os seus habitantes de fé cristã foram perseguidos por diversos séculos, a presença de tantos filipinos é uma maravilha evangélica, um modo de trocar as antigas lembranças por novas experiências do serviço gentil, humilde e paciente.” Portanto, em meio à dor e ao sacrifício, mas não sem alegria e diversão, pode-se encontrar o conforto de ser o Rosto de Cristo, revelação do Pai, Amor. “Hamdullilah” Barukh Ha Shem! –Bendito seja nos séculos o Seu Nome. ■



Texto: Sylvester Casclang

Espiritualidade salesiana

NOS CENTROS DE INSTRUÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Desde jovem padre, cheio de energia, São João Bosco, encontrou-se numa sociedade com muitos jovens pobres e abandonados, que trabalhavam nas fábricas e nos canteiros de obras ou cometiam crimes, para sobreviverem à extrema pobreza e miséria em que se encontravam. Muitos jovens caíam nas garras de dadores desleais de trabalho, outros acabavam na prisão. São João Bosco sentiu que Deus o chamava para ser pastor entre a juventude pobre e abandonada. Conseguiu, em pouco tempo, iniciar suas obras e centros de formação profissional. Oferecia aos jovens a oportunidade de estudar, aprender um ofício, preparar-se para um futuro melhor.

Nas Filipinas, como também em outros países onde os salesianos estão presentes, São João Bosco continua a viver através dos programas que os centros de formação profissional, geridos pelos salesianos, oferecem à juventude pobre e abandonada.

Como o governo das Filipinas está muito interessado na diminuição da taxa de desemprego, os diretores de todos os Don Bosco Technical Vocational Education & Training (TVET), sob o beneplácito do Escritório para o Desenvolvimento Escolar (ODEA), reuniram-se para programar da melhor maneira os vários cursos, de modo que cada um deles responda às exigências do mercado de trabalho nos



setores industriais e nos serviços. Não se trata, naturalmente, apenas de um job matching. Mesmo que estes centros desenformem milhares de laureados, sabem que para serem sempre importantes não podem dormir sobre seus louros.

Várias pesquisas demonstraram que os sujeitos em situação de risco de desvio são os que não possuem um sentido de conexão com a sociedade, a comunidade, a Igreja em que vivem, e são os que não têm uma ligação emotiva positiva com as próprias famílias. Aqueles que não são capazes de ser membros ativos na sociedade são logo marginalizados. Como Dom Bosco com os jovens pobres de Turim, os centros Dom Bosco TVET realizam a sua atividade, ajudando os jovens a serem agentes de desenvolvimento para uma mudança social positiva. Estão firmemente convencidos disso, sobretudo neste tempo em que se buscam novas saídas profissionais também em áreas inéditas, nas quais nunca se tinham aventurado.

Os ventos de mudança trouxeram várias reformas no campo escolar, do jardim de infância aos cursos superiores. Sobre isso, estão empenhando-se todos os Centros TVET e, mais em geral, as duas inspetorias das Filipinas (Norte e Sul). Cada centro colabora sempre mais com o governo e com as indústrias para inserir no mundo do trabalho os jovens dos últimos dois anos da escola mé-

dia. De modo especial, buscam fundos para os sistemas e projetos de aprendizagem considerados alternativos aos programas oficiais para envolver os jovens que não entram nos últimos dois anos escolares.

Enquanto se continua a trabalhar com os Escritórios da Autoridade para a Educação Técnica e da Autoridade para o Desenvolvimento das Capacidades Humanas (TESDA) em vista da certificação dos nossos formadores e estudantes, os Centros salesianos começaram a confrontar o próprio nível de formação com os padrões internacionais, procurando ser acreditados pelo Colombo Plan Staff College (CPSC), organização internacional intergovernativa para o desenvolvimento dos recursos humanos na Ásia e no Pacífico. O CPSC é a única instituição regional fundada com a finalidade de aumentar a qualidade do TVET.

Os Centros TVET Dom Bosco, desde o início, procuraram agregar todos os que compartilham do seu ideal educativo e apreciam as suas iniciativas. De fato, eles sempre acreditaram no trabalho em rede e publicaram recentemente um elenco consolidado com portfólio que apresenta os 19 Centros TVET das Filipinas. O elenco apresenta as empresas parceiras que colaboram com os Centros Dom Bosco, além dos encontros organizados pela ODEA com o TESDA, a Comissão da Alta Educação (CHED), o Departamento de Educação (DepED), o Departamento do Trabalho e Emprego (DOLE).

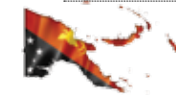
Em meio a todas as “reviravoltas” do atual contexto socioeconômico e educativo, os Centros TVET sempre trabalharam para garantir a formação de bons cristãos e honestos cidadãos. Com essa finalidade, os animadores es-

pirituais dos Centros trabalham na ambiciosa tarefa de repensar os seus programas pastorais a partir do currículo do cristão praticante, para integrar os valores nas matérias técnicas e equipar os usuários dos vários centros de uma vasta gama de valores morais e espirituais. Por isso, interrogam-se sobre como, apesar do breve tempo de cada curso, os jovens possam fazer experiência de Deus, criando um clima de casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que inicia para a vida e pátio onde compartilhar a autêntica alegria com verdadeiros amigos. Todos os Centros também são envolvidos na busca de recursos para realizar e sustentar estas iniciativas. É nesta complexa fase que a nossa fé de homens e mulheres de boa vontade é posta à prova e onde somos estimulados a ter sempre confiança em Deus.

Quem trabalha nestes Centros conhece bem as dificuldades que podem ser encontradas. Dificuldades que provocam incerteza também quanto ao próprio futuro. Mas também descobrimos que os nossos colaboradores ficam esperançosos quando pensam nas centenas de vida que conseguiram ajudar, graças à formação profissional salesiana. Encontram coragem, então, para continuar em sua dedicação como missionários leigos. São inspirados

pelos muitos Salesianos coadjutores que fizeram a história dos Centros profissionais nas Filipinas. São também encorajados pelo apreço das agências governativas. São confortados pelas cooperativas e indústrias que continuam a apoiá-los. Mas sinto, também, em seus corações, que estes desafios poderiam ser simplesmente a voz do Espírito que os convida a acolher estes novos desafios pelo Cristo Ressuscitado. ■





SALT Vós sois o sal da terra...

Texto: Padre Angel Sanchez



“Vós sois o sal da terra”.
Como se concretiza em nossos dias
esta exortação de Jesus (Mateus
5,13)? Como podemos ser o sal da
terra?

Por mais de uma década, a Don Bosco Technical School (DBTS) de Port Moresby, Papua Nova-Guiné, realizou uma programação especial para os estudantes – particularmente para as classes diplomadas de nível 12 e do Curso Técnico Industrial de nível 2 inerente ao Serviço e à Formação dos Líderes (Servanthood and Leadership Trainig, ou SALT). Trata-se da referência espiritual da escola em colaboração com a sua equipe de pastoral, que dirige o planejamento, a realização e a avaliação do programa.

Todo centro salesiano mira formar os jovens para que se tornem “bons cristãos e honestos cidadãos”; na Don Bosco Technical School, de Port Moresby, esta realidade é indicada pelo lema “Bosconians: guia quem serve”. Em outras palavras, os Bosconians esforçam-se para ser o sal da terra como líderes-servidores. O programa SALT é um bom meio para inculcar valores e atitudes salesianas. Isso permite transmitir os diversos elementos da Espiritualidade Juvenil Salesiana no específico contexto da Melanésia. Os jovens que se formam na Don Bosco Technical School assumem desde os primeiros anos de escola o estilo da espiritualidade salesiana que lhes é oferecida. Num país e numa cultura em que as pessoas pedem sempre uma “recompensa” por qualquer coisa que lhes é solicitado, os jovens da Don Bosco Technical School aprendem a servir os outros sem esperar nada em troca. Esta experiência alarga seus horizontes e dá-lhes a oportunidade de fazer alguma coisa de bom pelos outros. Quando foi pedido para descrever a sua experiência no Programa SALT, Kenesi Sogiri (do nível 12) descreveu-a simplesmente dizendo: “Servir aos outros com alegria sem pedir dinheiro...”. Esse é o modo como a Don Bosco Technical School contribui para a formação dos jovens de Papua Nova-Guiné.

Antes de realizar o Programa SALT, os estudantes passam um dia inteiro na escola em que se inscreveram. São organizadas atividades de formação de equipes. Fazem-se colóquios e conferências. Também a liturgia e a oração espontânea. Essas atividades têm em mira motivar os jovens a tornarem seus os ideais de Dom Bosco.

“Como Bosconians, chamamo-nos líderes-servidores. Devemos, então, pôr em prática o serviço aos outros”, diz Alois Tivelit, também do nível 12. Durante alguns sábados, os jovens que estão inseridos no Programa SALT realizam alguns serviços nas comunidades dos diversos bairros da cidade de Port Moresby. Os jovens aprendem a ‘arregaçar as mangas’. Não é uma surpresa, então, vê-los trabalhando na limpeza e na coleta do lixo ao longo das ruas públicas. Os Bosconians não têm medo de sujar as mãos!

Os jovens não são deixados sozinhos enquanto prestam o seu serviço à comunidade. Os respectivos professores os acompanham nesta experiência. O Programa SALT torna-se, então, também para os professores, um momento de aprender e praticar a



assistência salesiana. Neste contexto, a presença do educador é importante enquanto o SALT não é apenas uma atividade social, mas, sobretudo, atividade educativa e experiência formativa.

Note-se que nem todos os estudantes da Don Bosco Technical School são católicos. Muitos deles pertencem a outras confissões cristãs. Mas os locais onde os estudantes prestam o seu serviço comunitário são, em geral, setores das paróquias católicas. Isso requer uma coordenação preventiva das intervenções, envolvendo os diversos párocos da cidade. O que fez com que alguns dos nossos estudantes, que fazem parte do Programa SALT, tenham se tornado animadores ativos em suas paróquias, permitindo-lhes despertar o sentido de pertença à Igreja local, ajudando-os a amadurecerem a opção do voluntariado nas paróquias de pertença. O serviço dos Bosconians, porém, não para nas paróquias católicas. Também a comunidade da Casa de Cheshire, para deficientes, beneficia-se da presença dos jovens. Encontrar pessoas com deficiência é sempre muito formativo. Os jovens tomam consciência de como são afortunados e modelam o seu coração na atenção pelos outros e na compaixão. Às vezes, o contexto social favorece a formação de grupos rascals, ou seja, de mal-educados que se tornam muitas vezes responsáveis de muitos crimes. Alguns dos nossos jovens provêm desse contexto. Através do Programa SALT, é dada a possibilidade de visitar a prisão Bomana, na periferia da cidade de Port Moresby, onde estão muitos jovens e, os nossos jovens podem interagir com os detidos. Dom Bosco dizia que devemos formar os jovens para reconhecerem “a fealdade do pecado e a beleza da virtude”. Na prisão Bomana, os Bosconians tocam com as mãos as consequências do uso irrefletido da liberdade. Na prisão, encontram todos os traços da miséria humana. Nesse contexto, os jovens compreendem a necessidade de sonhar por um futuro luminoso.

Outro estudante formando, Don Apini, reconhece que a escola salesiana teve grande impacto em sua vida. “Decidi, então, ser um verdadeiro Bosconian, não só de nome, mas com as ações concretas da minha vida.” Mesmo que o Programa SALT dure apenas alguns sábados, torna-se para os jovens uma experiência única e o que aprendem permanece mesmo depois da formatura. É algo que recordam com afeto porque o SALT não perde o seu sabor. ■





Testemunhas da alegria

Em caminho para 2015

“Repito-vos novamente, fiquem alegres!” Um convite de 2 mil anos atrás, mas que hoje soa muito atual e provocador entre os jovens do mundo todo. A cidade de Turim, de 10 a 16 de agosto de 2013, ouviu-o ser afirmado nos pátios, nas ruas, nas igrejas, nas praças, atravessadas por 1.200 jovens do MJS Itália reunidos para o Confronto nacional.

Não houve nem sequer um minuto sem que a alegria não fosse protagonista da cena. Não foi um simples evento, mas uma etapa do caminho, que todos os jovens do mundo são chamados a realizar na Igreja, para ser o presente e o futuro, os “santos do novo milênio” (São João Paulo II).

Na JMJ de Madri, o MJS redescobriu as razões da própria esperança para viver “Enraizados e fundados em Cristo, solidificados na fé”. A JMJ do Rio, celebrada no final do Ano da Fé, enviou os jovens ao mundo: “Vão e façam discípulos todos os povos”. Igualmente, o Confronto MJS Itália não pôde fazer outra coisa que beber na riqueza da caminhada da Igreja relendo os temas da alegria e do testemunho à luz da espiritualidade juvenil salesiana.

O **slogan**-guia do Confronto, “Testemunhas da alegria”, expressa e realiza o que Dom Bosco propunha aos seus jovens na introdução de **O jovem instruído**: “Eu quero ensinar-lhes um método de vida cristã que seja ao mesmo tempo alegre e gratificante”.

O Confronto permitiu aos jovens provenientes de toda a Itália imergir na espiritualidade juvenil salesiana saboreando plenamente todos os seus aspectos; propôs uma experiência real de pátio salesiano, uma combinação providencial de alegria, festa, oração, reflexão, confiança, familiaridade, escuta, encontros significativos, entrega a Maria.

Peregrinação salesiana

O ritmo da programação da semana foi marcado pela música e pela festa, mas também pelas celebrações e pelos momentos de oração. Foi um tempo vivido na escuta das temáticas propostas, no diálogo e no confronto de experiências, valorizando os lugares da história salesiana e social de Turim, além de descobrir a espiritualidade e a beleza de Mornese, de Chieri e do Colle Don Bosco.

Em Valdocco, Dom Bosco afirmou que a felicidade plena e duradoura só é possível vivendo na graça, agindo como cristão. A alegria, de fato, é o ambiente educativo a ser “respirado” em suas obras. A Eucaristia cotidiana e as confissões marcaram os encontros fundamentais de todas as jornadas do Confronto.

Em Mornese, os jovens foram guiados pela vida de Maín, a jovem Maria Domingas Mazzaello, através de uma história de santidade feita de pequenas (grandes) coisas, de pequenos (heroicos) gestos cotidianos, um extraordinário exemplo de espiritualidade do agir cotidiano.

Pelas ruas de Turim, nos lugares da cidade que viram Dom Bosco protagonista de mil aventuras, respirava-se a rela-

ção íntima entre o carisma salesiano e a Igreja. O MJS vive na Igreja como proposta de santidade para todos os jovens. Uma manhã de festa em Chieri levou a percorrer os anos da juventude de João Bosco e do amadurecimento da sua vocação sacerdotal. Nada disso podia ser realizado sem uma profunda amizade com Jesus, traço indispensável da espiritualidade salesiana que Dom Bosco proporá em seguida aos seus jovens.

O Colle Don Bosco, definido como a Belém salesiana, viu chegarem os 1.200 peregrinos à Colina das Bem-aventuranças Juvenis, como foi definida por João Paulo II na ocasião do primeiro Confronto, em 1988.

A Vigília de adoração e a Eucaristia permitiram, depois, com a alegria incontida nos corações dos presentes, explodirem numa festa animada pela presença do padre Pascual Chávez. O Reitor-Mor inaugurou o terceiro e último ano de preparação ao Bicentenário de 2015, convidando os jovens a olharem para Dom Bosco, verdadeiro mestre de vida espiritual, a beberem dele para fazer nossa a sua espiritualidade, inflamar o nosso coração da sua caridade pastoral, encontrar Cristo e fazê-lo ser encontrado pelos jovens, de modo que cada um possa ser crível e convicta “testemunha da alegria”.

Quem estava presente ainda conserva no coração os três afetuosos e acalorados apelos que o padre Pascual fez no último encontro como Reitor-Mor com os jovens do MJS-Itália: primeiro, “Não desperdicem a vida: devem pôr a própria existência em jogo”; segundo: “Cultivem seus desejos; ninguém pode sonhar grandes coisas se não contemplou as estrelas”; e, enfim: “Aprendam a nadar contracorrente; é o único modo de serem fecundos no amor”.

Uma proposta de santidade juvenil

O nosso terceiro milênio precisa de santos, jovens santos das pequenas coisas nas grandes opções, das ações ordinárias em vidas extraordinárias, da alegria profunda numa vida de testemunhas da Ressurreição de Cristo.

Uma semana de Confronto não pode ser resumida em poucas linhas e nem contada em poucas páginas, mas para encontrar um ícone que explique o significado e a animação num único Espírito, deveríamos descrever a chegada inesperada dos jovens na Praça Castello. Improvisamente, no dia 12 de agosto, às 12 horas, a praça animou-se com a chegada dos 1.200 jovens que acorreram das ruas limítrofes formando uma gigantesca composição “MJS”, dançando ao ritmo do Hino do Confronto, “Alegria”. Não será, talvez, a Alegria em Cristo a forma pura da santidade juvenil salesiana? ■



Espiritualidade
que se celebra





Uma celebração de fé e comunhão pelo mundo juvenil

A PÁSCOA dos jovens

Texto: Inspetoria de Guwahati (Índia)

Guwahati é a porta norte da Índia e a maior cidade do Assam. Os Salesianos estão aqui desde 1922, de onde, depois, se espalharam a todos os cantos da região com seus serviços pelos jovens, em particular focando na educação e no desenvolvimento integral. A Inspetoria de Guwahati, criada em 1959, deu origem a outras duas Inspetorias a partir de 1981, e pode ser vista ainda hoje como centro de união de todo o movimento juvenil da região. O Don Bosco Youth Pasch é celebrado todos os anos no Don Bosco Institute, e é um evento de espiritualidade e fé que sempre traz grandíssimo número de jovens do Movimento Juvenil Salesiano das três Inspetorias.



Padre Johnson Parackal, diretor da casa, entrevistado, recorda as origens do Youth Pasch: “O primeiro encontro foi em 2004, quando vieram 100 jovens para celebrar o tríduo pascal no Don Bosco Institute de Guwahati sob a orientação do padre V. M. Thomas, SDB, que na época era diretor e fundador do instituto, e que hoje é nosso inspetor. Jamais teríamos pensado que a coisa tivesse sucesso, e tão grande. Desde aquele momento, de fato, verdadeiras ondas de jovens dirigiram-se ao nosso centro para viver a experiência comunitária da Paixão de Cristo”.



O ENCONTRO PASCAL TORNOU-SE
SINÔNIMO DE CELEBRAÇÃO DA FÉ JUVENIL.



partilhada, de modo salesiano, por milhares de jovens. Hoje, tornou-se sinônimo de celebração de fé católica em nível de toda a região norte oriental do nosso país.

Mazzarello Mh. Boko, uma jovem que participou do evento deste ano, fala da sua experiência: “Youth Pasch foi para mim uma experiência única. Tudo bem organizado nos mínimos detalhes. Juntos, compartilhamos a nossa fé em Jesus. Foi um dos encontros espirituais mais belos de que participei”. Youth Pasch é, de fato, uma experiência de fé para os jovens. “A programação foi idealizada para que haja uma abordagem cativante para os jovens de hoje de modo que cada participante tenha um papel ativo neste encontro”, afirma o padre Parackal.

Como fruto da metodologia do Youth Pasch, são oferecidos aos jovens momentos tanto pessoais como de grupo, para poderem, gradualmente, aproximar-se mais da figura de Jesus Cristo. A paixão de Jesus e a esperança da ressurreição são vividas através de encontros comuns e da liturgia do dia, solenizada de modo cativante e sempre num adequado clima de oração. No início da Semana Santa, os preparativos começam a ferver no Don Bosco Institute. Uma maré de jovens de

toda a Índia norte oriental começa a invadir os vários locais do Centro, que se encontra em verdes colinas a poucos passos do rio Brahmaputra.

Tudo tem início na noite de Quarta-feira Santa. Há catequese e sessões de estudo da Bíblia, para que cada jovem possa começar a preparar-se para o Tríduo Pascal. “Aprender, estudar, conhecer a fundo a Bíblia, alargou a minha visão”, diz Gracy Kulu, da diocese de Dibrugarh. “Na Bíblia havia significados que eu antes ignorava; agora, estou felicíssima por ter aprendido algo de novo”.

Na manhã de Quinta-feira Santa, novamente encontros sobre a fé cristã, para fazer com que os jovens estudem e reflitam sobre a Palavra de Deus.

À noite, porém, são encenados o Lava-pés e a Última Ceia, e os atores são os próprios jovens. Estes momentos litúrgicos, tão importantes para a fé cristã e ricos de significado, são revividos de modo muito especial e não podem senão tocar a sensibilidade destes milhares de jovens.

Sexta-feira Santa é toda centrada na paixão e morte de Cristo. A celebração da Via-sacra é uma oportunidade para os jovens fazerem experiência do significado do sofrimento e pensar nas próprias dificuldades à luz

dos sofrimentos de Nosso Senhor. Os próprios jovens, dividindo-se os papéis, encenam as quatorze estações. Mesmo quem não é ator fica emotivamente muito envolvido. Samuel Maslai, originário de Umswai, diz: “Estou muito impressionado pelos momentos de animação teatral. A Palavra de Deus fez brotar em mim muitas sensações e, seguramente, o meu desejo é dar a conhecer o que Deus fez por mim a quem estiver ao meu lado”.

“Neste dia, em que fazemos memória da nossa redenção, é dada aos jovens a oportunidade de vivenciar o grande poder curativo do Senhor através do sacramento da Reconciliação”, diz o padre Parackal, responsável e organizador do evento. Mesmo o fato de servir-se do pátio para as confissões é um modo de fazer festa com os jovens segundo a tradição salesiana, assim como o de encenar “Ele vive”, tendo os jovens como atores, obra teatral em que se sublinha a figura de Pedro, também com o seu arrependimento.

A mediação e os momentos de partilha em grupo no Sábado Santo preparam os jovens para a Vigília Pascal. A expressão teatral é um meio válido para transmitir a fé. E é de grande ajuda para fazê-los entrar no clima do mistério da Vida Nova e da Ressurreição.

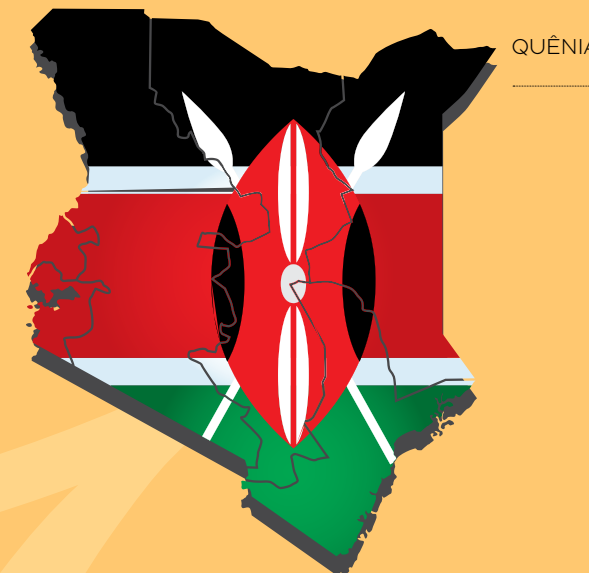
A EXPRESSÃO TEATRAL É UM MEIO VÁLIDO PARA TRANSMITIR A FÉ.

“Nós Salesianos somos gente pascal, gente cheia de alegria e de vida. E este é justamente o que cada um de vós quer exprimir durante as nossas jornadas vividas às margens do rio Brahmaputra”, afirma o padre Parackal. A experiência de encontrar-se como na Galileia, às margens de um grande rio, logo após a Santa Missa do dia de Páscoa, dá aos jovens uma oportunidade de expressar a alegria que trazem no coração com a música, os cantos, as danças, tudo na companhia de seus coetâneos e educadores. E tudo termina com um belo ágape fraterno.

A noite passada em oração e em companhia faz com que a experiência do Pasch Festival seja um verdadeiro itinerário de fé, no qual cada participante encontra o Senhor Ressuscitado, que caminha com ele. Os participantes voltam para casa renovados no espírito, firmemente motivados a colocar-se a serviço de Cristo no cuidado dos irmãos e das irmãs mais carentes. ■



www.dbafe.org

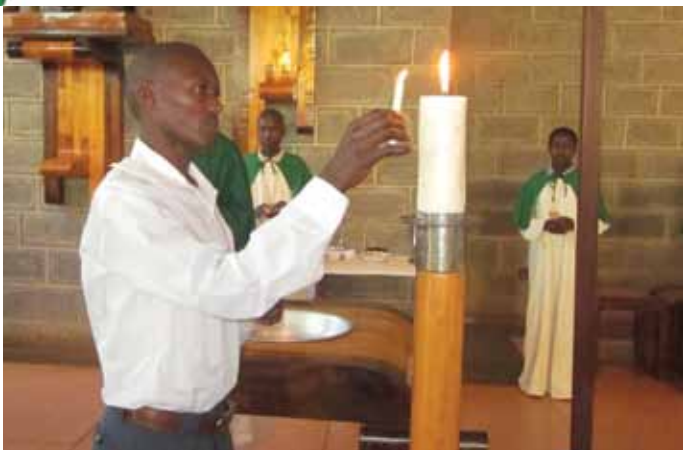


Fé em ação

“Espero-o com ansiedade todos os meses”.
“Gostaria que fosse mais de uma vez por mês”.
“Ajudou-me a reforçar a minha fé”.
São alguns dos comentários dos jovens que participam do Grupo de Liturgia Juvenil “Vem e celebra”, que se reúne todos os meses nos verdes campos do Don Bosco Youth Educational Services (DBYES) de Nairóbi, centro de animação juvenil e de formação profissional da Inspetoria África Leste.

Texto: Sebastian Koladiyil





O programa “Vem e celebra” dirige-se aos jovens das escolas de Nairóbi e arredores, no Quênia. Muitas escolas não oferecem a Missa aos seus alunos de fé católica e, por isso, o DBYES procura compensar esta carência com uma missa mensal, de modo que os estudantes que o desejem possam participar dela; é sempre no primeiro domingo do mês, com exceção de quando estão de férias.

São sempre muitos participantes, ao menos 400 jovens estudantes vindos de 8, das 12 das escolas secundárias da região. A única finalidade deste evento é a celebração da fé, para que os jovens se sintam orgulhosos de serem católicos num mundo que tendencialmente não o é, o mundo em que vivem e estudam. Cada grupo tem o seu coordenador que é, ao mesmo tempo, animador, muitas vezes um dos professores da escola.

Uma celebração típica

O dia começa com o registro dos participantes, seguido de momentos de louvor e adoração, com cantos animados no estilo africano, enquanto os estudantes dançam ao ritmo dos tambores e de outros instrumentos. Estes momentos servem de ajuda para criar uma atmosfera de espiritualidade, que prepara os jovens para a pequena conferência sobre o assunto do dia. Os jovens então são divididos em grupos, preenchem um questionário, e, depois, compartilham uma discussão de todos juntos. Ao final da discussão de grupo, as respostas são compartilhadas numa assembleia, e as outras questões que surgirem serão esclarecidas durante a assembleia geral. Segue uma pequena pausa, para permitir aos jovens se prepararem para a Santa Missa. Desde o início do dia até este momento há a presença contínua de sacerdotes

para as confissões, e é muito encorajador ver que muitos resolvem receber este sacramento ou mesmo apenas trocar duas palavras com algum padre. Cada parte da Missa é entregue à animação de uma das escolas: o serviço dos ministrantes, as leituras, as canções, as danças litúrgicas, a oração dos fiéis, o ofertório. Em média, estas missas duram duas horas, ao final das quais há meia hora de pausa, que se torna o momento do lanche e da socialização entre os alunos das diversas escolas.

Após o lanche, eis o momento da diversão. Cada escola é convidada a apresentar o tema do dia como quiser, com cantos, danças, pequenas récitas teatrais. A melhor apresentação recebe um troféu. O dia chega ao fim perto da noite, com o momento dos cumprimentos de todos e com a promessa de se verem no mês seguinte.

A FAMÍLIA É O LUGAR EM QUE SE CONSERVA A FÉ E O AMOR.

“VEM E CELEBRA” É UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA CRISTÃ.

Temas

Em 2013, Ano da Fé, tratou-se dos temas: A fé na Bíblia; A fé e a Igreja; A fé e a oração; A fé como credo; Fé, ciência e meios de comunicação; A fé e a espiritualidade; A fé e o serviço; A fé que vai além... a esperança. Em 2014, Ano da Família, os temas foram: A família na Bíblia; A comunicação entre jovens e adultos no interior de uma família; Preparar-se como jovem para uma vida de casal; João Paulo II e a família; Os valores africanos em diálogo com o cristianismo; Sacralidade do sexo no

âmbito do matrimônio; A família como pequena Igreja; A família e a vocação.

Esperamos manter viva esta tradição nos anos futuros. Estes encontros possibilitam aos jovens encontrar-se com coetâneos de outras escolas, fazer experiência de partilha numa atmosfera absolutamente sadia, sem distinções entre rapazes e moças, todos das escolas de Nairóbi e arredores. É útil exprimir agora a própria fé, vivê-la de modo visível, ser orgulhosos de fazer parte, como nós, da família católica. A fé deles, porém, ao mesmo tempo, ainda precisa de ensinamentos para crescer. Para isso servem os momentos de catequese durante os vários encontros. Muitas das dúvidas dos jovens são esclarecidas, de modo que, no final do dia, são invadidos por um sentimento de plenitude e sentem que a sua fé também se reforçou um pouco. ■

Texto: Marc-Auguste Kambire

Batismo e Eucaristia, sacramentos da alegria

Meu nome é Matthew Lawson e frequento o mestrado em leis e ciências políticas na Universidade de Lomé (Togo). Em minha vida houve momentos que me marcaram muito e me obrigaram a fazer uma pausa; o que estou para contar é uma dessas experiências.

Um tranquilo sábado à tarde. Minha mãe tinha o costume de fazer compras no mercado. Eu aproveitava para jogar futebol com os amigos. Naquela vez, porém, quando minha mãe voltou para casa, pediu-me para acompanhá-la à paróquia de Maria Auxiliadora de Gbényedzi (sob a responsabilidade dos salesianos, na região oriental de Lomé) para iniciar o meu itinerário catequético. Tinha 11 anos. Para ser sincero, já me tinha dito várias vezes que devia começar, mas eu não tinha vontade; naquela tarde, porém, foi tudo diferente para mim, pois estava me obrigando. Chegando à paróquia, fomos até a sala dos mais pequenos. Minha mãe deixou-me com o catequista e voltou para casa. Entrei na sala e fiquei quase o tempo todo em silêncio. O motivo? Estava num grupo completamente desconhecido. Precisei de mais de três aulas para ambientar-me e, mais do que isso, para começar a interessar-me por aquilo que estava acontecendo: a catequese.

No início, eu odiava a ideia de ter de deixar o futebol pelo catecismo; depois, aos poucos, comecei a ficar contente por participar da escola de Jesus. O espírito de família que havia na sala, os valores que nos eram ensinados, como o respeito aos outros e o empenho na escola, foram coisas que me motivaram sempre mais a participar.

Nomearam-me chefe da sala devendo cuidar da disciplina, organizar os momentos de diálogo, fazer o registro das presenças e ausências para o catequista. Aprendi como gerir um grupo e fiz a Primeira Comunhão no Domingo de Páscoa de 2005. Desejei por muito tempo aquele dia em que, finalmente, participaria do Sagra do Banquete da Eucaristia. Não sei como descrever a alegria experimentada ao receber o Corpo e Sangue de Jesus pela primeira vez na minha vida. Naquela idade, estávamos desejosos de participar de alguma coisa que nos fora negada por tanto tempo. A curiosidade inicial tornou-se agora para mim uma verdadeira fonte de salvação. Descobri a fonte da liberdade no sacramento da Eucaristia. Na semana seguinte, da Páscoa, fui à Missa todos os dias rezando em particular por toda a minha família. Mas, ai de mim, o entusiasmo daqueles primeiros dias se foram e me levaram também a não participar mais

da catequese por certo tempo. Estava convencido de que tendo recebido aquele sacramento, já tinha ganhado a “carteira de identidade do católico”, um certificado do qual precisava, e que era mais do que suficiente. Em 2008, fui convidado por um meu catequista a participar dos encontros de um grupo chamado “Jesus Misericordioso”. Encontro após encontro, em 2011 eu recebi o sacramento da Crisma. A partir daquele momento, tornei-me membro ativo tanto do grupo como da minha paróquia. Fui eleito membro do grupo local de animação da pastoral juvenil. O grande envolvimento no grupo fez com que permanecesse bem sólido em Jesus e continuasse a refletir sobre as graças recebidas através dos sacramentos, em primeiro lugar, da Eucaristia.

Encontro alegre

São muitos os jovens que, como o nosso Matthew, recebem o Batismo e a Primeira Comunhão no dia de Páscoa. De 1982 até o fim de maio de 2014, podemos contar 20.046 Batizados e 17.197 Primeiras Comunhões. Uma média de 626 Batismos e 537 batizados que recebem a Primeira Comunhão todos os anos. A celebração destes sacramentos, segundo o que afirma a coordenadora do grupo de catequistas, Désiré Gonçalves, “é uma oportunidade para a paróquia exprimir a própria alegria ao ver os seus filhos e filhas renascermem e tornarem-se parte da família cristã. Na cultura Éwé (povo do Togo meridional), uma criança começa a fazer parte da sociedade a partir do seu oitavo dia de vida. O sacramento do Batismo é a festa em que se dão as boas-vindas ao novo nascido no interior da família de Deus. É, portanto, uma oportunidade de reunir as famílias, para celebrar a alegria de ter um novo cristão nesta grande família que é a Igreja. Um evento especial que se dá aqui é o momento em que os neófitos agradecem a Deus e se consagram a Maria Auxiliadora depois de uma Missa especial, celebrada em honra deles na manhã da segunda-feira da Páscoa”.

Para estes novos chegados, muitos dos quais são jovens, a paróquia é um verdadeiro lugar de alegria. E para a comunidade salesiana, este é um modo de pôr em prática a espiritualidade da alegria, característica típica da espiritualidade salesiana. ■



Fruto Pascal



Zamora, onde os salesianos têm uma igreja muito ativa, é uma cidade de dimensões médias no Estado do México, enraizada na tradição cristã, que deriva mais da piedade popular do que da profunda adesão ao Evangelho. A formação cristã dos jovens vai-se desintegrando sempre mais, dando lugar à indiferença religiosa.

Fruto Pascal é um grupo que faz parte do Movimento Juvenil Salesiano e se ocupa em resgatar os jovens, levando-os à fé alegre e profunda numa sociedade feita apenas de superficialidade e de consumismo, caracterizada pelo “querer mais”, e não pelo “ser mais”. Fruto Pascal é um movimento juvenil que escolheu como lema as palavras de Jesus: “Quem permanecer em mim produzirá muito fruto” (João 15,5).

“Que tédio”, disse Monse quando foi convidada para participar de um dos encontros de Fruto Pascal. “A Igreja é uma coisa tediosa”, disse. Monse era uma boa garota, mas faltavam-lhe horizontes espirituais. Afastara-se da Igreja e Deus estava muito distante da esfera de seus interesses. Aceitara com relutância o convite para participar do grupo, mais do que por outros motivos, porque também estaria presente uma amiga e... surpresa... a acolhida foi calorosa.

Logo, a sua vida mudou e agora dedica grande parte do seu tempo ao apostolado entre os jovens para torná-los amigos de Jesus. Afirma ter encontrado a verdadeira amizade e que “Jesus é o meu herói”. Todo membro do grupo oferece o próprio tempo e ajuda convidando outros jovens ao seu redor para participar das atividades.

Erik, 21 anos, até alguns anos atrás sofria de anorexia, apatia e outros problemas. Era inseguro e pouco

comunicativo. Agora, não só é sociável, como também responsável de alguns novos grupos, porque para ele Deus se tornou uma presença bem perceptível em sua vida cotidiana. “Está sempre comigo; agradeço-lhe quando vou dormir e quando acordo.” Ele é um artista: canta e toca muitos instrumentos, anima os momentos da liturgia, é amigo de todos os membros do grupo. Diz: “O grupo é o lugar onde se encontram os verdadeiros

amigos”, e identificou-se completamente com o espírito de Dom Bosco, na “luta” para levar sempre mais amigos a Jesus.

Oscar, 17 anos há pouco, estuda informática, gosta de línguas e de leitura. “Gosto, sobretudo, do modo com que Dom Bosco encaminhou os jovens à santidade, uma santidade juvenil feita de alegria, ao alcance de todos nós.” Oscar pensa na santidade como numa grande alegria que brota do cumprimento dos próprios deveres, e ele tem bem presentes as palavras de Domingos Sávio ao amigo Camilo Gávio no oratório de Dom Bosco: “Caro amigo, aqui fazemos consistir a santidade em

estar sempre alegres; procuramos não cometer pecados, porque ele nos tira a graça de Deus e a paz da alma; participamos dos sacramentos e das práticas de piedade, cumprimos os nossos deveres, para não esquecer as palavras da Bíblia: ‘Servi ao Senhor na alegria’”.

Os jovens que participam do Fruto Pascal têm histórias semelhantes entre si, e passaram, embora de modos diferentes, de uma situação humana e espiritual de escassa relevância, sem metas, com muitos conflitos familiares e uma vida arrastada pelo tédio, embora cheia de festas entre amigos, a uma vida vivida com a grande alegria que deriva da verdadeira amizade com Deus e o compromisso com Ele. Tudo isso é possível graças às atividades apostólicas compartilhadas com outros rapazes e moças da sua idade. Jesus disse: “Eu vo-lo disse para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena” (João 15,11).

Checo (Sérgio) e Grecia são noivos e cresceram participando ativamente do grupo. Agora, fazem parte dos “semeadores”, o nível sucessivo aos três anos de preparação básica, comum a todos. Grecia está concluindo os estudos. Quer ser professora. O tema da sua tese é sobre “O sistema educativo de Dom Bosco”. Checo foi a alma do grupo desde o seu surgimento e é a mão direita do fundador, padre Alejandro Guzmán. Sua tarefa é ocupar-se dos rapazes e moças aos quais ninguém oferece amor, fé e educação; os jovens que têm péssimos costumes, e ninguém sabe como ajudá-los, enfrentam uma vida cheia de dificuldades e são

impotentes diante dos modelos egoístas e da indiferença social que a cultura atual oferece. Fruto Pascal ajuda os jovens na fase do seu desenvolvimento no qual a busca de sentido da vida é algo importante. Com o apoio do grupo, é quase certo que todos se abandonam ao abraço de Jesus, que os acolhe como amigo, porque a espiritualidade de Dom Bosco foi criada na medida certa para ajudar os mais necessitados. ■



A festa de Dom Bosco

na Casa-Mãe



A longa jornada da festa litúrgica de Dom Bosco teve seu momento central no fim da tarde na Basílica de Maria Auxiliadora: a Missa para os jovens do Movimento Juvenil Salesiano presidida pelo Reitor-Mor padre Ángel Fernández Artime. Uma celebração festiva com os representantes do mundo todo das 30 realidades (leigas e religiosas) que compõem a Família Salesiana e com centenas de jovens que lotaram absurdamente a basílica.

O Senhor Jesus é o caminho autêntico para a verdadeira felicidade de cada um

O Reitor-Mor, continuando a tradição do seu predecessor padre Pascual Chávez Villanueva, também presente em Turim para as celebrações do Bicentenário, entregou aos jovens do Movimento e, idealmente, a todos os jovens dos 132 países do mundo onde estão as obras salesianas, a mensagem da festa litúrgica de Dom Bosco tirada da primeira carta de São João: “Escrevo a vós, jovens, porque sois fortes e a palavra de Deus habita em vós”. “Escolhi estas palavras tiradas da primeira carta de São João – disse o Reitor-Mor – porque me parece uma belíssima concretização do chamado que hoje o Senhor Jesus faz a cada um de vós que, sem dúvida, Dom Bosco, com sua genialidade educativa, saberia traduzir em desafio e horizonte da vida cotidiana para os jovens. Meus caros jovens, eu não vos posso esconder esta minha profunda convicção: o Senhor, Jesus de Nazaré, Filho do Pai, é o caminho autêntico da verdadeira felicidade de cada um de nós, de cada um e cada uma de vós. Dom Bosco acredita cegamente, plenamente, em vós jovens. Fazia suas as inquietações, esperança e alegrias dos seus jovens (e de vós), vivendo com os seus jovens, entre eles e com eles, e, no que nele era um dom especial, ser homem da relação pessoal, do bom trato, da amizade

e do diálogo, dava aos seus jovens toda a confiança para serem realmente ‘fortes’ no caminho da vida, fortes na fé, crendo realmente nas próprias capacidades e possibilidades, crendo que podeis ser, e deveis ser, porque assim pede o Senhor, os verdadeiros protagonistas de vossas vidas”.

30 grupos, 132 países

Pela manhã, os superiores e coordenadores das 30 componentes da Família Salesiana reuniram-se em Maria Auxiliadora pela primeira vez por ocasião do Bicentenário, animando o pátio de Valdocco com as cores e as línguas dos 132 países onde os salesianos estão presentes: “Estamos reunidos por ocasião dos 200 Anos do Nascimento de Dom Bosco – disse a irmã Yvonne Reungoat, Madre-Geral das Filhas de Maria Auxiliadora – para criar mais sinergia entre as várias componentes da Família Salesiana, para potenciar a rede dos filhos e das filhas de Dom Bosco e de Madre Mazzarello – é o carisma do nosso Santo que nos une: mas, quanto mais conseguirmos conhecer-nos e integrar-nos, mais serviremos à Igreja. Para ser sinal de paz no mundo precisamos, antes de tudo, nós cristãos, crescer no diálogo, abater os provincianismos. Dom Bosco não é só da Família Salesiana, mas de toda a Igreja e de todos aqueles que, mesmo não sendo cristãos, amam os jovens”. ■



Texto: Padre Lijo Vadakkan



A BANDEIRA SALESIANA TREMULA
EM TERRA ORTODOXA

na Etiópia

68



69

Os etíopes são descritos na Bíblia como “um povo alto e bronzeado, um povo poderoso e vitorioso, um povo temido agora e sempre” (Isaías 18,2). A Etiópia é famosa pela sua antiga civilização e tem orgulho de ser um dos primeiros países do mundo a aceitar Cristo e o cristianismo. É um dado de fato que, segundo a história do cristianismo, a única pessoa a perguntar: “O que me impede de receber o Batismo?”, foi um etíope. O apóstolo Felipe disse: “Se crês com o coração, então te é permitido”. O etíope respondeu: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Atos dos Apóstolos 8, 37-38).

Um “sonhador” para a África.

Podem-se ler nas *Memórias Biográficas* de Dom Bosco dois sonhos relacionados com a África. O primeiro é de 1866: uma pastorinha aparece a Dom Bosco e mostra-lhe o desenvolvimento da Congregação através da imagem de um raio de sol que, de Santiago chega a Pequim, passando pelo continente africano (*Memórias Biográficas* XVIII, 71). O segundo é de 1885: nele, Dom Bosco sonha encontrar-se pessoalmente na África Central e, ali, um anjo lhe fala das grandes bênçãos que

logo haveriam de chover sobre este continente (*Memórias Biográficas* XVII, 643. 645).

Isto é história! Seriam necessários 90 anos para que o sonho de Dom Bosco se tornasse realidade e os primeiros salesianos pusessem o pé em solo etíope; fizeram-no, de fato, somente em 1975. Desde a chegada dos pioneiros, a prioridade dos salesianos na Etiópia foi a educação de centenas de jovens que frequentam uma rede com mais de 14 realidades presentes em todo o país.

⊕ sonho continua...

A missão salesiana voltada para os jovens etíopes foi um verdadeiro desafio, sobretudo em vista da realidade multiétnica, plurirreligiosa e multicultural em que se coloca. Enquanto a nação com o passar do tempo foi proclamada de maioria cristã, recentemente a população muçulmana cresceu muitíssimo a ponto de se poder afirmar que o número atual dos muçulmanos é quase o mesmo dos cristãos. O número dos católicos, tanto de rito latino como grego, é hoje de apenas 1% da população total etíope, que é de 85 milhões de habitan-



tes. Apesar de tudo, é preciso dizer que a Igreja Católica tem um papel importante na vida de muitos etíopes, sobretudo graças ao grande número de escolas, hospitais e outras instituições que oferecem serviços pelo bem comum da sociedade. Há, de fato, mais de 350 escolas católicas que atuam no país, com um total de 120 mil estudantes por ano, fazendo com que a Igreja Católica seja o mais importante organismo educativo do país, logo depois do governo. Entre estas, as escolas salesianas são 19, e compreendem escolas elementares, médias, técnicas e liceus.

A evangelização num ambiente multiétnico

O principal desafio para os salesianos na Etiópia é fazer com que o carisma de Dom Bosco esteja presente também num ambiente plurirreligioso como é a Etiópia, onde a Igreja Ortodoxa Etíope está profundamente enraizada na vida e na história das pessoas desde o início do próprio cristianismo.

Embora raro, aconteceu, contudo, em alguns momentos, que padres ortodoxos tenham proibido aos seus

fiéis de frequentar cursos ou até mesmo atividades lúdicas nas casas salesianas, convencidos de que se tratasse apenas de isca que depois levaria os jovens a abraçarem a fé católica. Hoje, em todo caso, com paciência e tolerância, são os próprios jovens que começam a entender que as Igrejas ortodoxa e católica compartilham o mesmo ideal: o desenvolvimento dos jovens da sociedade em seu conjunto.

O Movimento Juvenil salesiano (MJS) da Visitadoria fez grandes esforços a esse respeito, acompanhando os jovens a trazerem harmonia entre as espiritualidades católica e ortodoxa. Aulas de catequese, Savio Club, grupos teatrais e de entretenimento nos vários oratórios fazem parte da formação à fé, unida às várias atividades recreativas. Aulas de formação moral e programas de estudo noturno no oratório de Adwa, na região norte do Tigray, por exemplo, são iniciativas passadas, mas que os ex-alunos ainda recordam com prazer. O resultado foi o número de vocações à vida salesiana que vieram desses oratórios, muitas vezes de famílias tradicionalmente ortodoxas apesar da dura oposição a esta opção.

Jornada do MJS em MeKanisssa.

A jornada MJS realizada neste ano em Mekanissa foi uma grande iniciativa a respeito disso, para reunir os líderes dos jovens dos vários oratórios salesianos. Tudo se realizou no centro Bosco Children da cidade. Participaram mais de 250 jovens dos vários oratórios locais; eles compartilharam ideias e sonhos, apresentaram as próprias diferenças e, depois, surgiu um fórum de discussão. Os três dias do evento foram organizados de modo que os jovens e os salesianos participassem juntos de momentos de música e esporte, com espírito de alegria e de oração. Entre os jovens havia também muçulmanos e ortodoxos, católicos e protestantes, todos, porém sob o guarda-chuva de Dom Bosco, com o único objetivo de criar um mundo melhor. ■



Espiritualidade missionária



Texto: Alfred Maravilla, SDB



Senhor, envia-me!

Ide ao mundo todo...

Durante sua vida, Dom Bosco organizou umas 11 expedições missionárias, mas nenhuma superará o entusiasmo da primeira. Entre os muitos que responderam ao convite, Dom Bosco escolheu 6 padres e 4 coadjutores. Foi um acontecimento epocal para a Congregação e também para a cidade de Turim! A partida de Valdocco foi solene; era o dia 11 de novembro de 1875. Começa uma época missionária, que crescerá em todos os Continentes, inculturando o carisma salesiano em muitos lugares: "Sempre fiz o que pude; sobre o que ainda resta a fazer, pensarão os meus filhos". Desde 1875, a Congregação Salesiana é missionária. Em 1888, 20% dos salesianos viviam nas missões da América. E ela continua ainda hoje a viver com generosidade e entusiasmo esta vocação específica.



Mas, por que ser missionário? O que motiva ainda hoje esta vocação, até mesmo em países com cultura totalmente diferente, em lugares frequentemente inseguros e paupérrimos? Odise Lazri (albanês, que partiu em 2013 como missionário para a África do Sul) diz: "Para mim, ser missionário significa ser porta-voz de Cristo, levar a boa notícia da ressurreição do Senhor, levar a alegria do Ressuscitado aonde ela ainda não chegou". Padre Roberto (italiano, partiu para o Brasil em 2012): "A partir da minha experiência de salesiano – já estive diversas vezes em terras de missão, tanto no Brasil como em Madagascar –, posso dizer que os salesianos têm o grande objetivo de dar sempre nova esperança, nova força, uma grande fé às novas gerações". Padre Sony (indiano que partiu em 2013 para Serra Leoa) fala: "O principal objetivo da missão hoje é tornar Cristo conhecido a quem ainda não o conhece e levar as pessoas a Deus. Vivemos num mundo em que Deus não é importante e, por isso, neste mundo secularizado, precisamos tornar Cristo e a sua Palavra conhecidos do povo". No Ano Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco, os salesianos são chamados a reviver o seu espírito missionário: "O aspecto missionário tornou-se típico de cada salesiano, porque dedicado ao mesmo espírito salesiano", escreveu o padre Juan Vecchi, oitavo sucessor de Dom Bosco. "Não é, portanto, alguma coisa



Fr. Luigi Bolla: «Quando la nave è partita da Genova ho vissuto uno dei momenti più belli della mia vita... È un momento dove il Signore ti dice: "Io sono tutto solo per te" è un momento di gioia infinita. Questa sì è la testimonianza che vorrei rimanesse perché può incoraggiare i giovani che molte volte dubitano, dicendo "vado a provare". Meglio andare disposti a tutto...».





acrescentada a alguns. É como o coração da caridade pastoral, o dom que caracteriza a vocação de todos.” O padre Ángel Fernández, atual sucessor de Dom Bosco, reiterou aos membros da 145ª expedição missionária (2014): “Hoje, dizer ‘salesianos’ significa estar entre os mais pobres e necessitados da sociedade; não deveria ser apenas um slogan, mas uma realidade (...). Deve ser a paixão missionária que cada salesiano sente de ir ao encontro dos jovens; precisamos, portanto, de uma Congregação mais próxima deles, do povo, da sociedade; isso haverá de garantir a continuidade do carisma e da missão”. Por isso, o diácono brasileiro José Alves de Oliveira pediu para ser enviado entre os Xavantes do seu país: “Muitos missionários, dei-



xando suas terras, dedicaram-se a este trabalho com fé e amor. Assim também, nesta realidade indígena, eu me vejo como parte do sonho de muitos outros sonhadores... e, como desafia o CG27, que nos chama a ser Dom Bosco nas realidades fronteiriças das periferias, aonde é mais necessária uma presença profética e evangelizadora”.

“Celebrar este 200.º aniversário do nascimento de Dom Bosco significa também retornar às nossas raízes missionárias”, insiste o padre Guillermo Basañes, Conselheiro para as Missões. “Vivemos este jubileu em chave de saída missionária salesiana. Que a solene conclusão destas celebrações, em 15 de agosto de 2015, encontre os filhos de Dom Bosco acidentados e feridos por terem saído pelas estradas, mais do que doentes pelo fechamento e a comodidade de agarrar-se às próprias seguranças” (Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 49), “saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”. Eis o melhor presente de aniversário que podemos oferecer ao nosso caro Joãozinho!

Hoje, o Papa Francisco nos ilumina: viver a dimensão missionária do nosso carisma significa manter viva a nossa paixão por Jesus e o seu povo, vivendo a nossa vida salesiana em estado permanente de missão e, assim, superarmos a acídia pastoral, a mesquinhez e a psicologia do túmulo e reencontrar a alegria de evangelizar! (cf. Evangelii Gaudium, 25, 82-83, 268). Por outro lado, a expressão mais bela deste espírito missionário é deixar a própria terra, o próprio povo para anunciar o Evangelho de Cristo. Assim, todos os anos, na basílica de Maria Auxiliadora de Turim se renova a tradição da partida e do adeus aos missionários. É um evento solene e comovente. Com a entrega do Crucifixo e o abraço fraterno completa-se o itinerário de preparação pessoal e comunitária. Vocação missionária é uma longa história de amor entre Deus que chama e o apóstolo que responde. É sempre Deus quem escolhe. E o homem não é nunca tão grande como quando diz “sim” a Deus que passa e chama. ■

A voz do missionário

Texto: Padre Roberto Cappelletti, italiano, missionário no Brasil

Não sei bem o dia preciso do nascimento da minha vocação salesiana, mas sei muito bem como se desenvolveu ao longo dos anos. Desde pequeno, e depois no noviciado, sempre fui atraído pelas narrações dos missionários que nos vinham falar de terras distantes e da sua vida entre os mais pobres. Sempre tive esta sensibilidade, mas, talvez, como o fogo de uma pequena lareira, estava um pouco escondida, sob as brasas de tantas atividades e dos meus estudos. Na casa salesiana de Mezzano, tive a oportunidade de entrar em contato com o Brasil, através do *gemellaggio* e de viagens àquela terra. E ali, o fogo reacendeu-se. Fui, depois, chamado como Delegado para a Animação Missionária da Inspeção INE. A caminhada com os jovens da Escola de Mundialidade e as experiências de verão em Madagascar, confirmaram-me na vontade de gastar minha vida entre os mais pobres.

Há quem diga: “Aqui, na Itália, precisamos dos salesianos; por que deve partir para as missões?”. Trata-se de uma objeção que pode ter suas razões, vendo-se a opção de deixar o próprio país para ser missionário *ad gentes* apenas do ponto de vista material, numérico e estatístico. Contudo, quem parte para a missão o faz não para fugir de alguma coisa, mas para dar sentido pleno à própria vocação e, no meu caso, à minha vocação salesiana.

Ao colocar o meu pedido para ser missionário *ad gentes* diretamente nas mãos do Reitor-Mor, quis dizer que a minha vida pertence a Deus e não a mim, e que gostaria fosse gasta pelos mais pobres e distantes. Não será muito que conseguirei dar, mas estou certo de que sentir a felicidade dentro de mim por aquilo que faço com os mais pobres é a melhor resposta a tantas dúvidas iniciais.

Até há pouco tempo, estive em Itajaí, uma cidade portuária do sul do Brasil, formada em grande parte por gente que vive bem, que vive do próprio trabalho. Mas mesmo numa cidade como essa há centenas de pessoas e crianças que vivem à margem, em casas derrocadas, em situações de violência, marginalização e droga. Estive ali sobretudo para eles, para dar-lhes esperança e futuro, através da educação, da formação pessoal, do acompanhamento e do testemunho, meu e da comu-

nidade educativa do Parque Dom Bosco, a obra social onde trabalhei até há pouco tempo. É claro que, às vezes, também eu me pergunto se estou no lugar certo, vendo que grande parte da cidade vive em estilo europeu, sem muitos problemas. Mas, por agora estou aqui, com o sonho de um dia poder dar a minha vida também numa situação missionária mais radical e pobre do que aquela onde estou agora. Foi sempre o meu sonho. Mas onde estou e aonde serei enviado ou pedirei para ir, procurarei sempre viver do melhor modo a minha vocação salesiana missionária, dando cada respiro aos mais pequenos e pobres.

Há dois meses fui destinado à Inspeção Missionária da Amazônia, para viver a experiência missionária numa localidade do alto Rio Negro, chamada Iauaretê, nos limites com a Colômbia. Aqui, comecei a trabalhar com várias etnias indígenas, das quais a mais importante é a dos Tucanos. Visitando as mais de 30 comunidades espalhadas ao longo de vários rios, coordenando as atividades do Oratório e ajudando na pastoral paroquial, estou descobrindo o quanto nós ocidentais temos a aprender destes povos tão ricos de história e de cultura e tão simples em seu estilo de vida. Agradeço a Deus e aos meus superiores por esta nova possibilidade de viver pobre entre os mais humildes e pobres. ■





Texto: Pier Giuseppe Accornero



Da Terra do Fogo ao Vaticano

“Uma ponta de terra árida voltando-se para o Sul, entre o Pacífico e o Atlântico, ao final do Continente americano” – esta é a Patagônia. “Encostada a oeste na Cordilheira dos Andes e banhada a leste pelo Atlântico, aberta ao norte a uma linha incerta que a liga aos Pampas argentinos, percorrida sem pausa pelo vento”. Assim um explorador descreve a Patagônia, 800 quilômetros quadrados aonde chegaram, em 1879, as



missionárias e os missionários salesianos enviados por Dom Bosco. “Meseta, planalto árido”, rios tempestuosos, montanhas imponentes, tremenda solidão, vento gélido e implacável. No Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco – reconhecido pelo Comitê histórico-científico como “um aniversário de interesse nacional” – a Câmara dos Deputados da Itália prestou homenagem ao santo piemontês com uma celebração na sala Aldo Moro, em 18 de novembro de 2014, com a saudação da presidente da Câmara, Laura Boldini, e o Congresso “Italianos no fim do mundo: missionários salesianos pioneiros na Patagônia e Terra do Fogo”.

Antes de tudo, a formação humana

Em 11 de novembro de 1875, na basílica turinense de Maria Auxiliadora, Dom Bosco abençoou a primeira expedição missionária, capitaneada pelo padre João Cagliero e formada por outros 5 sacerdotes, entre os

quais José Fagnano, espírito de pioneiro e ex-garibaldino, e quatro coadjutores. Dom Bosco recomendava-lhes com insistência, a situação dolorosa de muitas famílias italianas: “Encontrareis um grandíssimo número de crianças e também de adultos que vivem na mais deplorável ignorância sem saber ler, escrever e qualquer princípio religioso. Ide, buscai estes nossos irmãos que a miséria e a desventura levou a terra estrangeira”. Num segundo momento, iniciaria a evangelização da Patagônia: “Damos assim início a uma grande obra, não porque se creia converter o universo inteiro em poucos dias, não! Mas quem sabe esta partida e este pouco não serão como uma semente da qual surgirá uma grande planta? Quem sabe não seja como uma semente de milho ou de mostarda, que aos poucos se estenderá e haverá de produzir grande bem?”. Com grande comoção os 10 missionários atravessaram a basílica recebidos por uma grande multidão. Trazem consigo um folheto com as “lembranças especiais” escritas por Dom Bosco: “Buscai as almas, não o dinheiro, nem as honras, nem as distinções; cuidai especialmente dos doentes, das crianças, dos idosos e dos pobres, e conquistareis a bênção de Deus e a benevolência dos homens; fazei com que o mundo saiba que sois pobres nas roupas, na alimentação, nas habitações, e sereis ricos diante de Deus e donos do coração dos homens; entre vós, amai-vos, aconselhai-vos, corrigi-vos, não carregueis nem inveja nem rancor, antes o bem de um

seja o bem de todos, as penas e os sofrimentos de um sejam as penas e os sofrimentos de todos, e cada um procure afastá-los ou ao menos mitigá-los; nos trabalhos e nos sofrimentos, não se esqueça que temos um grande prêmio preparado no Céu. Amém”. Ao padre Cagliero, escreve: “Fazei o que possais, Deus fará o que nós não podemos fazer. Confiai tudo a Jesus Sacramentado e a Maria Auxiliadora, e vereis o que são os milagres”. Dom Bosco acompanha-os até Gênova onde embarcam no dia 14 no navio francês Savoie.

As primeiras obras e... os avós do Papa

Em Buenos Aires e na Argentina, são muitos os emigrantes italianos e piemonteses. Em 1877, os salesianos inauguram no bairro de Almagro a igreja paroquial, as escolas de artes e ofícios, o oratório; em 1908 nasce, na capela de Santo Antônio, o time de futebol San Lorenzo de Almagro do nome do fundador, o salesiano padre Lorenzo Massa, time que apaixonou e ganha 14 torneios do campeonato argentino. Em 15 de fevereiro de 1929, chegam os avós paternos e o pai do Papa Bergoglio, emigrados de Turim e de Portacomaro. Em Buenos Aires, frequentam a paróquia do bairro de Flores, mas têm o coração no oratório de Almagro e torcem pelo time com as cores vermelha e azul. Jorge Mario é seu grande torcedor; quando pode, vai ver o time no estádio e, em 2008, em seu centenário, o cardeal arcebispo de Buenos Aires recebe a carteirinha de sócio honorário. ■

Texto: Anand Thanad

Construir com a espiritualidade de Dom Bosco

A simplicidade vivida no amor é o modo de viver que Deus realmente quer de nós. Jesus deu-nos um exemplo de vida que reflete a simplicidade do verdadeiro amor por nós e nos indica como segui-lo. A verdadeira espiritualidade do amor só pode encorajar na continuidade do próprio serviço, suportando as dificuldades e os problemas que encontramos todos os dias.

As urgências do Evangelho pediram que muitas pessoas vivessem longe do lugar onde nasceram e cresceram, às vezes, sem lhes dar a possibilidade de retornar. Um destes missionários é o padre belga Albert Lucien Gustave Roosens, que com seus 89 anos ainda testemunha o frescor do Evangelho. O padre Albert foi ordenado sacerdote salesiano em 1956 e partiu como missionário para a Tailândia, país no qual a religião de Estado é o budismo. Sua vida inteira esteve cheia de milagres graças à ajuda de Deus. O padre Albert contou-nos sobre o período em que era o único missionário que trabalhava no sul da Tailândia que, na época cobria as províncias de Pattani, Narathiwat, Yala, Surathani e muitas outras confinantes com elas. Não era fácil evangelizar naqueles lugares, pois a maioria das pessoas era formada por muçulmanos e, por isso, era-lhes difícil aceitar os conceitos básicos de uma religião diferente. Também precisou levar em conta o fato de muitíssimas crianças não terem a possibilidade de ir à escola e as causas eram sobretudo duas: a pobreza e a distância entre a casa e a escola. O padre Albert decidiu, então, em primeiro lugar, construir uma escola técnica fundada com os mesmos ideais da Escola Técnica Dom Bosco de Bangcoc. Ele mesmo projetou-a e mandou construir o edifício escolar. Ela, porém, só foi a primeira. Outras a seguirão, tijolo a tijolo, justamente como ele queria.

As escolas técnicas eram construídas para os jovens de famílias pobres e para os órfãos, pois não tinham dinheiro para pagar os estudos. A principal finalidade desse tipo de escola é fazer com que os alunos se tornem técnicos industriais, operadores de máquinas, soldadores, engenheiros mecânicos, elétricos e eletrônicos. O padre Albert

Roosens crê que seja este o modo certo para reduzir a pobreza ou ajudar os jovens a terem os conhecimentos num trabalho específico que possa ajudar economicamente a si mesmos e às suas famílias.

Além dessas escolas, também construiu outros edifícios, como uma escola que compreendia jardim da infância e escola elementar, um edifício para dar continuidade à escola obrigatória: o Centro de Formação Profissional Dom Bosco para as crianças cujos pais são hansenianos; estas crianças podem aprender um trabalho para poderem se manter sozinhas em nossa sociedade. O padre Roosens também construiu várias casas para pessoas pobres que costumam migrar do nordeste ao sul da Tailândia. Envolveu-se em muitos projetos de sensibilização dos habitantes das aldeias para viverem de modo melhor, em especial com melhores condições sanitárias e água encanada mesmo em aldeias muito isoladas. Deve-se acrescentar a isso tudo um centro de ajuda para ex-alunos cegos da escola Dom Bosco e, portanto, impossibilitados de viver com autonomia, como também a construção de outra escola profissional na província de Pattani, e muitas outras. Como o próprio padre Roosens diz com frequência, “há muitas histórias desconhecidas”.

Todavia, realizar e levar adiante todos esses projetos exige um grande apoio econômico, como ele mesmo nos disse, admitindo também que sempre ao iniciar uma nova construção nunca tem a certeza de poder chegar ao fim do projeto e sabe que sempre serão muitos os problemas da administração. Continua a história, com os olhos lúcidos, dizendo: “Rezei sempre com constância, e Deus nunca me abandonou. Certo dia um benfeitor veio até mim dizendo-me que eu poderia usar o seu dinheiro do modo que achasse necessário. Fiquei muito surpreso com este gesto: Deus me mandara aquele homem, era um milagre. Muitíssimas outras vezes recebi doações em dinheiro de gente que nunca tinha visto antes. Deus sempre me guiou até as pessoas a quem pedir ajuda, indicando-me o caminho certo a seguir e como realizar a minha missão. Deus é grande, creio cegamente nele, pois ele é o meu Pastor”.

O padre Roosens adora construir; ao longo da sua vida construiu ao menos 35 novos edifícios; é por isso que tem o apelido de “Bob, o construtor” (como o personagem de um conhecido quadrinho local). Ele construiu muitas escolas, quatro igrejas e já estão em andamento outras quatro. Diz: “Nunca pensei em quantos edifícios teria a possibilidade de construir, porque minha única preocupação era ajudar os pobres e necessitados”.

Recebeu três medalhas honoríficas de Balduino, rei da Bélgica, nos anos 1971, 1983 e 1986. E em dezembro de 2013 recebeu a medalha “Pro Ecclesia et Pontifice” pelos seus anos de serviço pela Igreja e pelo bem-estar da humanidade. E quando lhe é perguntado o que pensa de todas essas honorificências, responde assim: “Não que estas medalhas tenham ativado o meu desejo de ajudar o próximo; elas são apenas uma demonstração de que estas construções certamente não podiam aparecer do nada. É preciso paixão e amor pelo próximo, e isso vale principalmente no caso de nós sacerdotes, eu como os outros, pois a nossa vida deve ser um sacrifício pelo pró-



ximo”. Recorda-nos justamente o que Jesus dissera, isto é, que o maior amor é aquele que se entrega aos outros. Entre os que o conhecem, é sabido que o padre Roosens não gosta de comer em restaurantes.

Quando alguém o convida para um almoço, recusa com a desculpa de que é muito caro, e que “comemos para viver, não vivemos para comer”. É uma pessoa muito independente, que nunca quer perturbar ninguém. Neste momento está empenhado em colecionar selos e cuidar do seu último projeto: a Casa Dom Bosco, como também a capela de Nossa Senhora de Banneux (Bélgica), seu grande sonho desde sempre. A Casa Dom Bosco já foi iniciada e é destinada aos jovens pobres que vêm das zonas rurais da Tailândia e que desejam continuar os estudos em Bangcoc, mas não têm um local para morar nem dinheiro para pagar aluguel. É um edifício de quatro andares, com quartos, salas de recreação, salas de reuniões, tudo rodeado por diversos pátios e campos

esportivos. Nesse conjunto, grande sonho do padre Roosens, há também uma capela dedicada a Nossa Senhora de Banneux, ainda em fase de construção. Há três anos, aos 86 anos de idade, ele enfrentou uma longa viagem à Bélgica em busca de fundos para este projeto. Contou-nos que devia transferir-se de carro todos os dias, em vista das distâncias, para visitar os vários amigos e benfeitores que o tinham ajudado no passado. E quando lhe perguntavam como pudesse se lembrar de várias ruas, visto que não punha os pés em seu país há mais de cinquenta anos, respondia: “É simples, enquanto guio, tenho o rosário numa das mãos; rezo e guio. É óbvio que às vezes, também com frequência, eu me perco, mas com a ajuda das pessoas, sempre volto são e salvo para casa”. E acrescenta: “Esta, com certeza, é minha última viagem à Bélgica”. É um homem muito determinado e intransigente, mas ele mesmo o admite. Se lhe é perguntado se a viagem o cansou, pois tem problemas cardíacos, diz que correu tudo bem, sobretudo com a ajuda de muitas pessoas de bom coração.

Quando o entrevistamos, também estávamos curiosos para saber se não tinha saudades da família, que estava distante a milhares de quilômetros. Admitiu que não retornou nem para o enterro dos pais. Perguntamos por que, obviamente. E ele respondeu: “Estava no sul da Tailândia ajudando os pobres e, portanto, o que poderia ter feito para uma pessoa defunta? Simplesmente rezar pela sua alma. São os vivos, de fato, que precisavam, e precisam de mim”.

Há muitíssimas histórias a contar sobre o padre Roosens, e muitas “desconhecidas”, como ele mesmo diria. Mas, por hoje, basta; ele também já não tem vontade de continuar a falar. Perguntamos ao padre Roosens: “Como podemos aumentar a nossa fé?”. E ele responde: “Creiam no impossível”. Durante toda a sua vida religiosa sempre teve uma grandíssima alegria no coração, sabendo estar a serviço de Deus. O seu lema que está sempre no coração é: “O Senhor é o meu Pastor, nada me falta”. ■

Espiritualidade eclesial



“A espiritualidade do cotidiano”

Padre Arthur Lenti é conhecido hoje em todo o mundo salesiano, graças ao sucesso da trilogia de sua autoria Dom Bosco: história e carisma, com os volumes: 1. Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849); 2. Expansão: de Valdocco a Roma (1850-1875); 3. Apogeu: de Turim à glória de Bernini (1876-1934), traduzidos e editados em diversos países. Nascido, como Dom Bosco, no Piemonte (Itália), em 1939, padre Arthur emigrou para os Estados Unidos, onde entrou na Família Salesiana. Após a Segunda Guerra Mundial, retornou à Itália para a formação teológica em preparação à ordenação sacerdotal e estudou também no Instituto Bíblico de Roma. Desde 1975, vive no Don Bosco Hall, de Berkeley, estado da Califórnia (Estados Unidos), casa fundada como residência para os estudantes salesianos de teologia. Por muitos anos, foi conselheiro do grupo dos estudantes. Conhecido pelo seu modo



de viver simples, pela amabilidade e disponibilidade para ajudar em qualquer serviço, gozou e goza ainda hoje do apreço e do afeto de toda a comunidade salesiana do Don Bosco Hall, que há anos é o seu lar.

Forçado pelas necessidades do período e por ordem de seus superiores, padre Arthur retornou a Roma e ali continuou os estudos de salesianidade de modo formal e, com grande diligência, estudou com destaque a história e a espiritualidade de Dom Bosco no contexto da Igreja e da sociedade do século XIX. Nasceu, assim, o Instituto de Estudos Salesianos no interior do Don Bosco Hall, afi-



liado à Escola Dominicana de Filosofia e Teologia. Padre Arthur aceitou, com grande solicitude, passar um pouco de tempo conosco em entrevista familiar sobre a espiritualidade salesiana vivida no cotidiano. A nossa entrevista baseia-se, sobretudo, em duas perguntas: 1. Como entende a espiritualidade do cotidiano no carisma salesiano? 2. Como é possível vivê-la hoje?

A seguir, a resposta do mestre padre Lenti.

“Falar de espiritualidade não é tão fácil como poderíamos pensar.

A palavra ‘espiritualidade’ é ambígua; não nos surpreende, portanto, que com o passar do tempo tenha sido compreendida de maneiras muito diferentes e, às vezes, opostas entre si. Um exemplo muito claro é que quando se fala de espiritualidade às pessoas, normalmente ela é considerada como uma ação interior e individual. Ao contrário, porém, a espiritualidade, para ser autêntica, não pode existir a não ser em relação com os outros, como bem a tinha compreendido e vivido Dom Bosco.

Como salesianos, podemos ver a ‘espiritualidade’ como meio pelo qual nos movemos e nos relacionamos com os irmãos da comunidade, com os jovens, com as pessoas que participam conosco da missão educativo-evangelizadora da juventude; portanto, com as pessoas em geral. Fundamentalmente, a espiritualidade é amor, é caridade.



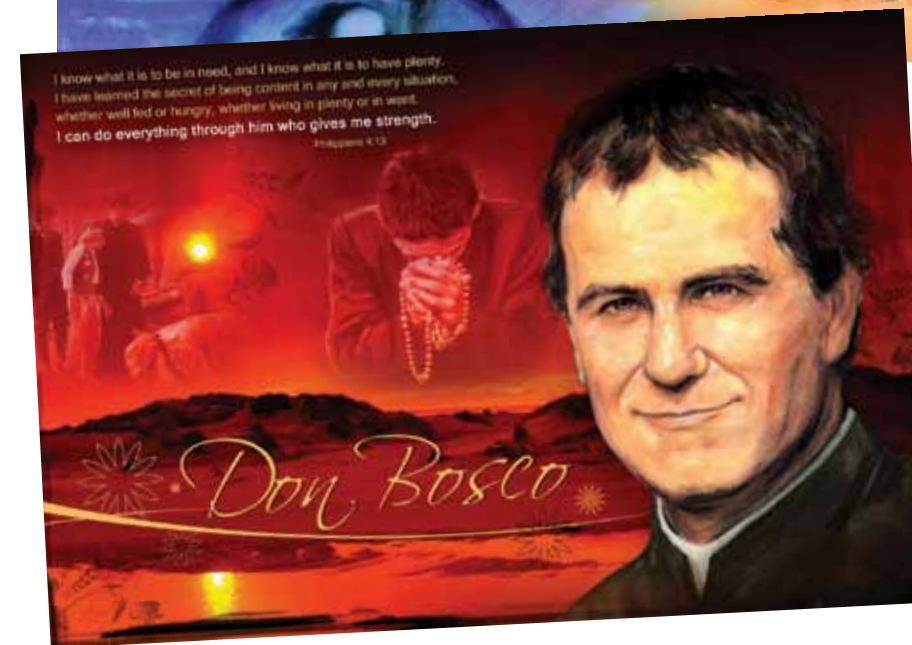
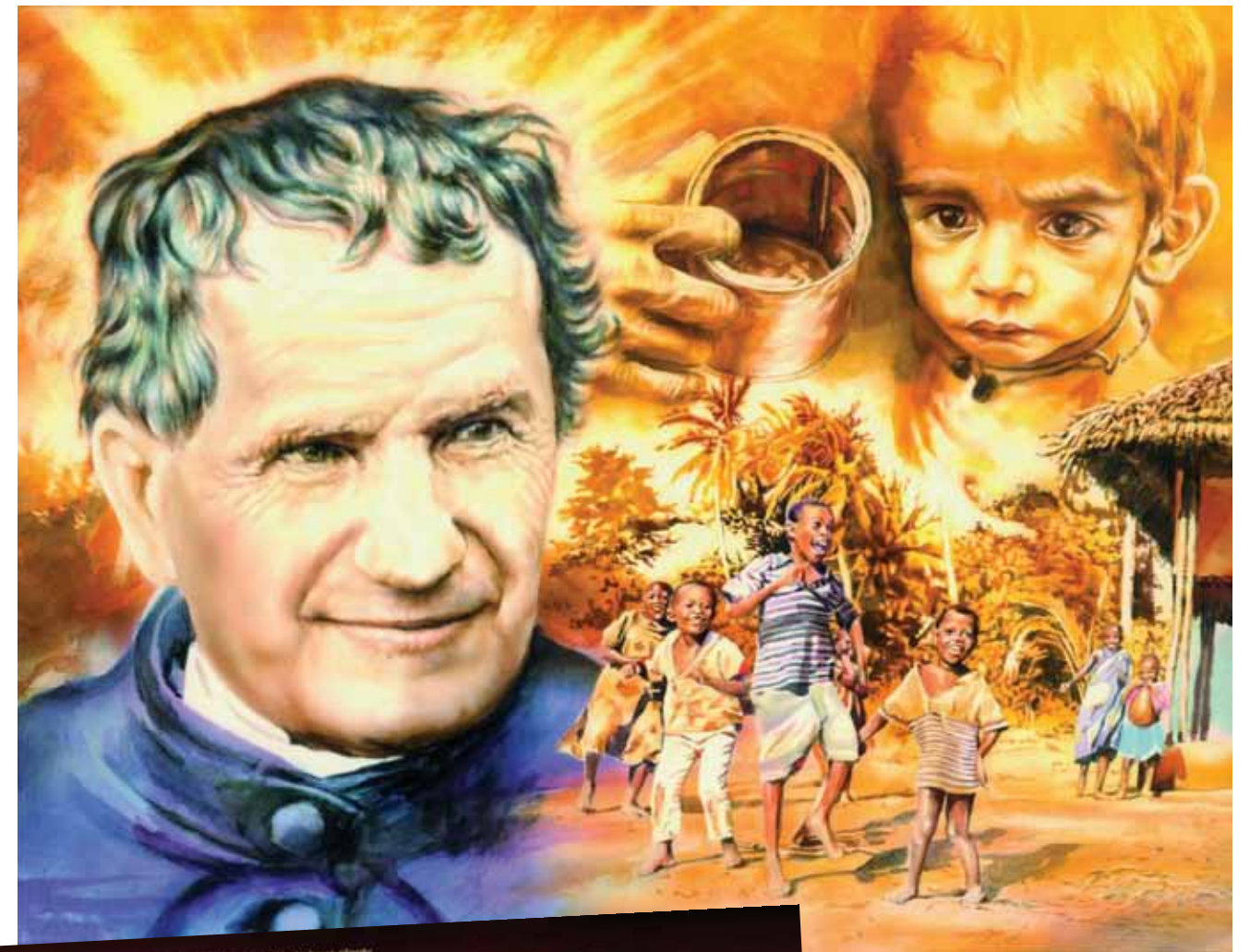


Contudo, não podemos ficar 'satisfeitos' com isso. Em termos práticos, se substituirmos o termo espiritualidade por outro que, às vezes, nos ajuda a expressar a nossa ideia de modo melhor, poderíamos usar palavras como amor, caridade, amizade, disponibilidade para ajudar o próximo etc. Tomados todos juntos, estes termos poderiam descrever a espiritualidade do cotidiano como Dom Bosco a entendia. É sob este aspecto que se pode ver claramente a influência que recebeu de São Francisco Sales. Estamos absolutamente certos de que Dom Bosco conhecia bem a Introdução à vida devota (Filotea), obra-mestra do santo bispo de Genebra. Neste livro pode-se encontrar uma das principais raízes da espiritualidade do cotidiano que Dom Bosco viveu e ensinou.

É justo recordar, também, que Dom Bosco viveu como um místico, ou seja, com uma forte união com Deus, com os santos, sobretudo a Virgem, com quem conversava com autêntica familiaridade. E não só; ele entendeu a vida mística (espiritual) como amor cristão posto em prática, vivido como apostolado. E isso, não

apenas como expressão de humanidade, de filantropia, mas como profunda união interior com Deus. Por isso, é possível substituir a palavra espiritualidade com termos como amor e caridade cristã. Compreende-se melhor o que foi dito, se recordamos, por exemplo, que algumas pessoas em visita ao Oratório de Dom Bosco ficavam surpreendidas e impressionadas pelo 'ambiente sobrenatural' que se respirava. Isto se devia não só à intensa vida sacramental, às práticas religiosas e devotas, mas também e de modo especial, visto o elevado nível, quase sobrenatural, de amor cristão que motivava as vidas daqueles 'simples' adolescentes e pré-adolescentes. O centro de todo este ambiente era o próprio Dom Bosco e a sua relação com Deus que, como um sol, irradiava a todos os que estavam ao seu redor.

É justo recordar, ainda, que, por princípio, a espiritualidade não é algo elitista. O Concílio Vaticano II bem o compreendeu. A espiritualidade não é reservada aos bispos, sacerdotes e religiosos, mas envolve a todos. Isso significa que em nossos dias os membros da Famí-



lia Salesiana podem viver este tipo de espiritualidade. Dom Bosco espera de cada um de nós que estejamos prontos e disponíveis para trabalhar com caridade. No interior da Família Salesiana, isso é um dever de todos, sem qualquer exceção. Não se trata apenas de um trabalho, mas de um trabalho de caridade. A Família Sa-

lesiana não é um 'clube social'; o que nos une é o apostolado e o trabalho pela salvação dos jovens. Numa palavra: o que nos une e distingue de todas as outras famílias religiosas é justamente a nossa espiritualidade, e não só o nosso apostolado no mundo exterior.

Neste sentido, a nossa espiritualidade não tem horário e é vivida no cotidiano, de modo especial no comportamento com o próximo. Por isso, devemos dar muita atenção às palavras que dizemos e ao modo como tratamos as pessoas. O

respeito pelas pessoas e o modo de ser são muito importantes. Estes pequenos detalhes podem parecer insignificantes, mas não são de modo algum pois são expressões do que se aninha dentro de nós, são sinais autênticos de uma espiritualidade cristã (e salesiana) bem vivida". ■

*“Nisto é glorificado
o meu Pai:
que produzais muito
fruto e vos torneis meus
discípulos”*
(Jo 15,8)



O Venerável Padre Augusto Arribat

(1879-1963), salesiano francês, demonstrou-se um bom pai para todos os seus filhos. Sua vida é a encarnação da expressão evangélica “Não vim para ser servido, mas para servir”. Não recusou nenhum tipo de trabalho, antes buscou os serviços mais humildes. Em virtude da sua disponibilidade para os trabalhos de limpeza, os noviços chamavam-no de “o cavalheiro da vassoura”. Assistia os doentes a noite toda. Durante a

guerra oferecia o seu quarto e a sua cama aos irmãos de passagem, enquanto passava a noite numa poltrona ou na capela. A ele, chamado de “o santo do vale”, são atribuídas curas milagrosas.

Em todos os seus cargos de responsabilidade, sobretudo como diretor por diversos anos e em várias casas, padre Arribat manifestou-se salesiano exemplar: sempre ocupado entre os jovens alunos, no pátio ou na capela, na aula de catecismo ou na enfermaria; passava

do refeitório ao dormitório, do confessional ao jardim, sempre atento a tudo e a todos. Tinha um respeito extraordinário e uma grande delicadeza pelas pessoas, sobretudo pelos pequenos e os pobres. Vigia sobre a casa, da qual era considerado o “para-raios”, como se fosse um novo São José. Olhar aberto e sorridente, este filho de Dom Bosco não afastava ninguém. Enquanto sua magreza e seu ascetismo recordavam a figura do Santo Cura d’Ars, a sua delicadeza e o seu sorriso eram dignos de São Francisco de Sales.



O Servo de Deus Padre Carlos Braga

(1889-1971), que ficara órfão de mãe, foi confiado às Filhas de Maria Auxiliadora de Tirano, e depois aos Salesianos de Sondrio. Com o deflagar da Primeira Guerra Mundial, foi recrutado pelo exército. Depois, pediu para ser enviado em missão ao Extremo Oriente. Chegando em Shiu Chow, sul da China, foi colaborador de dom Versiglia, primeiro mártir salesiano. Em 1930, tornou-se inspetor da China, promovendo notável impulso no desenvolvimento da obra missionária salesiana. Fundou em Pequim a primeira escola salesiana, realizando o sonho de Dom Bosco. A obra salesiana, em nítida expansão, foi dramaticamente interrompida pelo comunismo. Padre Braga, então, voltou sua atenção às Filipinas, onde iniciou a presença salesiana. Em 1955 foi eleito inspetor. Morreu em Bacolor no dia 3 de janeiro de 1971.

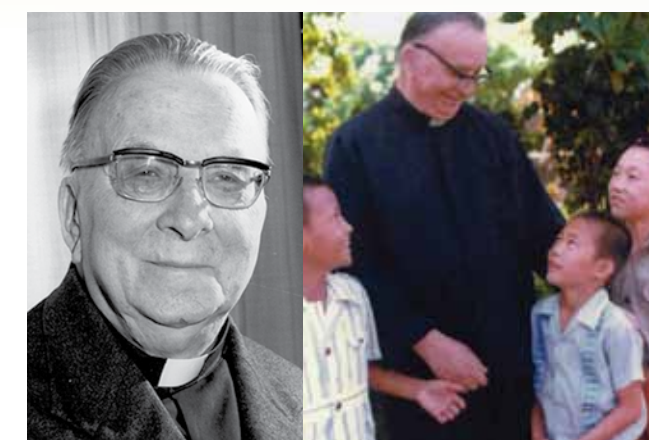
Profundo otimismo, paternidade e alegria foram os traços salientes do padre Braga, que aonde quer que fosse, promovia um admirável espírito de família. Sua história familiar, marcada pela provação e pelo sofrimento em virtude do abandono do pai e da doença da mãe, é um apelo ao empenho em defesa e promo-

ção da família. A encarnação do Sistema Preventivo em terra chinesa e filipina, sobretudo com a prática da bondade e da paternidade é estímulo a atualizar a herança carismática e educativa de Dom Bosco em tempos e lugares diversos. O empenho e o zelo missionário que distinguiram a sua vida recordam a dimensão missionária que sempre deve acompanhar a vida de cada comunidade cristã para torná-la fecunda e evangélica.

A vida do Servo de Deus Padre Andrej Majcen

(1904-1999) foi uma contínua mudança sob os regimes comunistas da China, do Vietnã e da antiga Iugoslávia. O espírito alegre, o trabalho em colaboração com os outros, a capacidade de “atualizar” Dom Bosco em terra chinesa, de fundar a presença salesiana no Vietnã, de promover a animação missionária em sua terra de origem, a Eslovênia, são os traços distintivos deste salesiano missionário.

Em meio a uma intensa atividade era fermento da sabedoria evangélica e do discernimento: as reflexões e as meditações recolhidas em seus diários (mais de 6 mil páginas manuscritas), e o exercício cotidiano de um cuidadoso exame de consciência, exprimem uma profunda vida cristã e religiosa, com um trabalho pessoal de crescimento espiritual.



“Testemunha da bondade”, em sua longa e fecunda vida ele foi sinal e portador do amor de Deus, haurindo do Coração mesmo de Cristo a caridade pastoral marcada por um grande ardor apostólico e pela predileção pelos jovens, testemunhando a ternura de Deus com as palavras e, sobretudo, com os gestos, na prática da bondade salesiana. ■



Texto: Pierluigi Cameroni (assistente espiritual)

A Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) *sai da o novo* *Reitor-Mor*

Os Associados da ADMA “fazem parte da Família Salesiana ‘em razão da devoção salesiana à Auxiliadora na forma estabelecida pelo próprio Dom Bosco. Essa pertença empenha a honrar a Maria, Auxiliadora e Mãe da Igreja, participando na missão juvenil e popular de Dom Bosco, sobretudo no seu empenho de incrementar e defender a fé cristã em meio ao povo’. Na Família Salesiana, a Associação enfatiza e difunde a devoção popular mariana, como instrumento de evangelização e promoção das camadas populares e da juventude carente. Reconhece o Reitor-Mor, sucessor de Dom Bosco, pai e centro de unidade de toda a Família” (Art. 3º do Regulamento).



L'ADMA nas Filipinas

O padre Nestor Impelido, salesiano e animador espiritual da ADMA no Norte das Filipinas, apresenta a Associação no país.

Qual é a história da ADMA nas Filipinas?

O primeiro promotor da ADMA foi dom Guglielmo Piani, salesiano e Delegado apostólico nas Filipinas de 1922 a 1948. Ele difundia a devoção a Maria Auxiliadora em todos os lugares aonde ia. Conseguiu que Maria Auxiliadora fosse proclamada Patrona secundária das Filipinas. O primeiro grupo da ADMA foi fundado numa igreja dirigida pelos franciscanos, próxima ao centro de Manila onde estava a primeira estátua de Maria Auxiliadora, agora colocada no seu santuário de Parafache. Outro grupo, promovido por um irmão vindo de Hong Kong, sr. Patrick Rayan, encontra-se na cidade de Cebu.

Este salesiano fundou também outro grupo em Manila (Makati), existente ainda hoje, formado por pessoas da classe alta. A devoção a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco difundiu-se em todo o país graças aos Salesianos

www.admadonbosco.org

e às Filhas de Maria Auxiliadora, particularmente através da promoção da novena à Auxiliadora.

Qual a atual presença da ADMA?

Atualmente existem nas Filipinas 35 grupos com cerca de 100 mil membros, com dois conselhos ligados às duas Inspetorias Salesianas, do Norte e do Sul. A atualidade da devoção à Auxiliadora se manifesta como contraste ao secularismo emergente, sustentado pela política governativa, e como enfrentamento da emergência educativa, muito difusa no país.

Qual o papel dos leigos na promoção da Associação?

Não só os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora promoveram a devoção à Auxiliadora, mas também muitos leigos.

Por exemplo, uma de nossas sócias promoveu seis grupos da ADMA. O que qualifica a ADMA como grupo da Família Salesiana é a presença dos jovens e a participação das famílias na ADMA, como indicado no Congresso Internacional de Czestochowa, em 2011. Existem nas casas os grupos chamados Auxilium, expressão da ADMA juvenil. Os grupos cuidam nas paróquias do canto e da liturgia, do ensino da catequese, de diversas formas de caridade e solidariedade pelos mais necessitados.



Quais os encontros associativos mais significativos?

O Encontro Nacional da ADMA tanto no Norte como no Sul; os encontros anuais da Família Salesiana, no mês de fevereiro; a Semana de espiritualidade da Família Salesiana; o encontro mensal do Conselho Nacional; o retiro de preparação ao Natal; o aniversário de fundação da ADMA, no mês de abril; o dia 24 de cada mês, precedido da novena; a grande festa de 24 de maio.

Quais os desafios à Associação?

Os maiores desafios são a inserção e o envolvimento dos jovens e das famílias na ADMA. Além disso, os Salesianos que, embora conheçam a ADMA e promovam a devoção à Auxiliadora, devem reavivar o “fogo” apostólico e a participação nos encontros da Família Salesiana, para compartilhar o espírito e a missão salesiana. ■





Eis por que o amo

Uma voluntária de Dom Bosco apresenta o seu Homem e o porquê da sua opção.

Eu o amo há vários anos. Apesar de algumas de suas características, enamorei-me dele aos poucos, até decidir segui-lo definitivamente, mas continuando na minha vida, no meu trabalho, estando entre o povo e, talvez o mais estranho, sem revelar a ninguém (ao menos oficialmente) a minha ligação com ele! Ele é um homem que frequenta companhias estranhas, contudo todos têm um lugar no seu coração. Por eles, faria qualquer coisa, até dar a vida! Quando tem algum tempo livre gosta de ir à casa de ladrões (Lc 19,1-6), deixa que lavem os seus pés, até por uma prostituta (Lc 7,36-39). Para não dizer das suas faltas de memória: basta que um ladrão que roubou na vida toda lhe peça misericórdia e ele o leva para casa (Lc 23,43). Esta “memória curtíssima” fascina-me. Esquece todas as vezes que lhe sou infiel, que me esqueço dele muito tomada pelo meu trabalho e pelo meu viver no mundo com todos os problemas que isso comporta! É um homem não racional: certa vez falou-me de uma sua



amiga que, tendo dez moedas e perdendo uma delas, pôs-se revirar a casa até que a encontrou e, para festejar o fato, deu uma grande festa (Lc 15,8-10), e ele participava! Ou quando exercendo os seus dotes de médico, curou uma dezena de pessoas, mas só uma retornou para agradecer (Lc 17,11-19); entretanto, para ele, um vale como dez.

Não “por que”, mas “para quem”

Ele é o motor das minhas ações, o horizonte ao qual me dirijo. Quando em todas as manhãs eu me preparo para enfrentar a jornada, percebo que não me basta apenas a resposta à pergunta “por que”, mas se me pergunto “para quem”, isto é, para ele, a perspectiva muda. Contudo, ele vale pouco como cortejador: nos tempos em que sabia que estava me enamorando dele, que estava interrogando-me se passaria a vida toda com ele, em vez de envolver-me com propostas atraentes, dizia-me: Se queres vir atrás de mim, renega-te a ti mesma, toma a tua cruz e segue-me! (Mt 16,21-27). Mas será possível cortejar alguém assim? No entanto consegui fascinar-me, fazer-me entender que todas as cruzes, pequenas ou grandes, que me propunha tomar eram feitas para mim, para pôr-me à prova e, detalhe muito interessante, todas as vezes que conseguia abraçar aquela cruz, ele estava ali. Há cruzes todos os dias, mas a perspectiva nada fácil de abraçá-las encontrando-o a esperar-me levou-me a viver progressivamente com um estilo de obediência à cruz, que não é sofrimento, mas caminho de purificação. Percebi, então, muitas vezes, o seu amor extraordinário por mim: fez-me sentir única e excepcional, fez-me sentir o quanto valia para ele, deixando tudo para vir encontrar-me sempre que abandonava o caminho. Quando, depois, se tratou de acertar as contas, percebi que com ele, com o amor que ele nos oferece, as contas sempre dão certo. Zaqueu, um dos seus amigos estranhos, tinha o péssimo costume de roubar, mas quando restituiu a metade, não sei como, vejo escrito no recibo que vale quatro vezes mais! Quando lhe peço alguma coisa, se é para o meu bem, ele não pensa nas despesas: com frequência, faz pedir muitas vezes, mas não se deixa vencer em generosidade!

Um cartão de crédito com um “pin” em letras

Isso fez com que a dimensão da oração entrasse no meu cotidiano, conquistando um lugar privilegiado entre as mil atividades e coisas a fazer, oração de muitas facetas: a oração da Igreja, mas também a oração de um simples pedido de um encontro com certa pessoa, ou por uma situação complicada de vida. Depois, descobri o modo de usar o seu “cartão de crédito”: ele tem um “pin” realmente especial, não com números, mas com letras: Seja feita a sua vontade! E, para mi-

nha grande satisfação descobro que, com facilidade, ele deixa tirar da sua conta mais do que esperava. O homem que amo trabalhou muito, embora não tenha tido sucesso em alguns trabalhos. Tentou ser ministro da economia, mas quase levou o sistema à falência. Por exemplo, paga a todos do mesmo modo, e no momento do salário todos ficam um pouco descontentes porque todos recebem a mesma coisa (Mt 20,1-6). Sua generosidade não lhe permite calcular se alguém fez a mais ou menos: para ele todos nós somos iguais. Talvez, ao ler estas linhas algum leitor tenha se perguntado quem é ele e quem sou eu. Pois bem, ele é Ele, Jesus. Eu sou uma VDB, uma Voluntária de Dom Bosco, uma consagrada secular salesiana. Ou seja, escolhi consagrar a minha vida a Deus, continuando a viver no mundo com estilo salesiano. A consagração tornou mais profunda a marca que recebemos no momento do nosso Batismo; levou-me, depois de um longo itinerário de discernimento, a pronunciar os votos de castidade, pobreza e obediência no Instituto das Voluntárias de Dom Bosco. Quanto ao mais, continuo a viver a minha vida no mundo, sem sinais distintivos. Tenho um trabalho, muitos amigos, a minha casa. Poderia ser, neste momento, a senhora sentada no ônibus ao teu lado ou aquela que está contigo na fila no supermercado ou no correio. Desejo, apenas, que o meu modo de agir e de relacionar-me seja algo que suscite alguma pergunta aos outros como: “Ela tem alguma coisa especial que não consigo entender”. Como cheguei a esta opção? Bem, se não te desagrada, falarei disso no próximo número. ■





Texto: Jorge García M.



Água Viva

“Mulheres sedentas”

Água Viva é um movimento de mulheres desejosas de um maior nível de educação. São membros do povo de Deus: casadas, mães de família, empenhadíssimas nas atividades domésticas normais, sem tempo para parar e refletir sobre o significado da vida. Elas vão adiante dia após dia, como podem, buscando mais do que outra coisa cumprir com suas obrigações.

Todas sentem a necessidade de algo que preencha a sua alma e as torne cientes da própria dignidade e do próprio valor de seres humanos, da natureza transcendente de suas vidas. Muitas destas mulheres nunca tiveram uma educação escolar completa. Nem mesmo receberam uma adequada formação espiritual. Vivem a fé com aquele pouco que conseguiram recolher através das práticas religiosas, das imagens, orações, devoções por alguns títulos marianos ou pelos santos. Contudo, são mulheres sedentas de algo que possa fazê-las sentir-se como pessoas vivas no povo de Deus.

Diz Sílvia: “Recordo que estava com uma amiga que, a certo ponto, me disse: ‘Tenho um encontro com o meu grupo’, e isso despertou em mim uma grande curiosidade. Dez mulheres entre nós foram convidadas, e começamos a participar dos vários encontros. Agora, posso dizer que encontrei o que procurava. Sempre senti a necessidade de ‘algo’ e encontrei-o no grupo desde o primeiro dia”.

Também Norma foi convidada para o grupo, mas não lhe agradou. Infelizmente, fez a experiência de encontrar-se à beira da morte por causa de uma doença. “Também eu estava em busca de alguma coisa. Seria, talvez, Deus? E um anjo, na forma de um amigo, chegou e me convidou.”

Susana nos diz que quando foi convidada para participar dos encontros do grupo, pensava que fosse um simples encontro de mulheres, feito de bate-papos e divertimentos. “Quando comecei a ouvir o padre Chavo

(padre Salvador Horacio Pérez, SDB) pensei: ‘Estas palavras são justamente para mim’, e até então eu nunca fora tão ajudada.”

Muitos encontraram Deus através de experiências fortes de fragilidade ou doença, de problemas e dores, esvaziamento interior, solidão e abandono, a partir justamente de uma situação onde não havia espaço para Deus. “Espiritualmente, a minha vida era vazia; perdera a fé desde quando me casara; fiz Deus sair da minha vida e, no seu lugar, no altar, coloquei o meu marido. Pensava que tudo fosse ditado pelo destino e não sentia necessidade de Deus.”

Água Viva é um movimento para situações deste tipo, para mulheres que possuem poucos recursos econômicos ou que tenham problemas de saúde, para dar-lhes a possibilidade de “sair do rebanho”, oferecendo um espaço para o crescimento pessoal e formativo. Mas, para dizer a verdade, é a massa que garante a vida da sociedade. Talvez, não se lhe dê muita atenção, mas na verdade, estas mulheres são capazes de desenvolver as próprias capacidades e ter grandes dotes humanos e espirituais. “Encontrei Deus no movimento Água Viva; é fantástico porque isso me ajudou a encontrar dignidade em mi-

nha vida. Agora, tenho muitas respostas para os meus muitos ‘porquês’. Embora seja uma pecadora, aprendo todos os dias alguma coisa d’Ele, e Maria é a minha mãe e a minha força.”

“Deus está novamente em primeiro lugar em minha vida; agora, é Ele o primeiro e único. Aprendi a conhecê-lo através da sua Palavra. Está sempre ao meu lado quando preciso, ao contrário do meu marido que, num momento de necessidade, nunca está ao meu lado.”

“Minha filha adolescente me perguntou: ‘Quem você mais ama?’; respondi-lhe: ‘Deus, eu o amo mais do que tudo’. Agora, desejo que meu marido e meus filhos conheçam a Deus, também eles, e a minha obra de apostolado consiste em levar pessoas até Deus, e é por isso que quero conhecê-lo sempre mais.”

“Percebo que estou mudando, e um pouco também o estão as minhas filhas; isso me dá grande alegria e energia. Água Viva alimenta-me, e sinto-me pronta para servir à minha paróquia.”

Água Viva nasceu do desejo pastoral de um sacerdote salesiano da Inspeção de Guadalajara (México). Ocupa-se com mulheres, esposas e mães de família que vivem sem qualquer ajuda econômica nem formação escolar, não têm ninguém que as ajude a sair do seu status de pobreza. Padre Salvador Horacio Pérez, chamado comumente de padre Chavo, foi o fundador do movimento que conta, hoje, com 12 grupos em diversas cidades. Apesar da sua morte em 2012, Água Viva continua a existir e a ajudar humana e espiritualmente centenas de pessoas. Quem o conheceu recorda-se dele com grande afeto e devoção. Deu a vida ao povo que não a tinha e precisava dela! A vida! ■





Jovens evangelizando jovens

O Movimento Juvenil Salesiano nas Américas e no Caribe



DESDE 1988, O MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO TORNOU-SE SEMPRE MAIS UMA REALIDADE VIVA E ENVOLVENTE PARA MILHARES DE JOVENS NO MUNDO TODO.



A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) do Rio de Janeiro, em junho de 2013, propiciou momentos ricos de atividades para os integrantes do Movimento Juvenil Salesiano (MJS). É tradição que em todas as JMJs haja um dia especial no qual os delegados, líderes e membros do MJS se reúnam ao redor do Reitor-Mor dos Salesianos e da Madre-Geral das Filhas de Maria Auxiliadora. Nascido depois de um acampamento juvenil em Santiago (Chile) em 1974, a JMJ tornou-se, depois, uma organização em nível mundial por ocasião do centenário da morte de Dom Bosco, em 1988. Foi ele o fundador e pai da Família Salesiana. A paixão de Dom Bosco pela educação levou, ao longo do

tempo, a planejar um vasto movimento de caridade que haure a própria energia da espiritualidade salesiana; dessa forma, também quer dar continuidade ao projeto de evangelização nascido no Oratório de Turim-Valdocco (Itália). São numerosas as associações juvenis que surgiram dele e que Dom Bosco chamava, nas origens, de Sodalícios e que acreditava ser produto do “trabalho dos próprios jovens”. Em razão da renovação pastoral que brotou do Concílio Vaticano II na Igreja, em 1970 os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora relançaram o Sistema Preventivo de Dom Bosco, buscando novas metodologias para exprimir esta prática pedagógica



TODO ENCONTRO DO MOVIMENTO ENCORAJA E FORTIFICA O SENTIDO DE PERTENÇA.



que, baseando-se no Evangelho, tem seu foco na educação dos jovens mediante a razão e a bondade. O surgimento de novos grupos e associações juvenis preparou o terreno para a criação de uma visão mais ampla do movimento juvenil, que, inspirando-se na espiritualidade salesiana e em comunhão com a Igreja, quer ajudar um número maior de jovens. Hoje, o MJS é formado por grupos e associações juvenis que se reconhecem na espiritualidade e na pedagogia salesiana; mantêm a própria autonomia organizativa e prática, como parte da pluralidade dos grupos, e têm uma vasta presença educativa de qualidade em novas

áreas de agrupamento que fazem parte da vida dos jovens de hoje. Trata-se de um movimento “de jovens para os jovens”, que compartilham uma espiritualidade e uma forma de comunicação que garantem a passagem de valores comuns entre todos os membros do grupo. O MJS reúne jovens também muito diferentes entre si, desde os afastados da fé e aqueles para os quais a espiritualidade é como uma semente que está crescendo, aos que de modo explícito e consciente estão envolvidos num trabalho apostólico à luz do Evangelho. O principal objetivo do MJS é formar bons cristãos e cidadãos honestos, que sejam apóstolos entre os jovens, na escola de Dom Bosco e de Madre Mazzarello. O Festival MJS América 2013 aconteceu de 18 a 21 de julho. Foi o primeiro encontro do MJS das Américas e Caribe, cuja finalidade era reforçar a própria identidade, em vista da notável presença juvenil salesiana no interior da Igreja. O encontro encorajou para um maior sentido de pertença ao Continente,

buscou uma maneira de criar um mais vasto movimento juvenil católico; discípulos zelosos que foram envolvidos, com Dom Bosco, para proclamar a fé em Cristo; missionários de vida numa sociedade com muitos valores antigos e grandes fundamentos culturais. A fim de consolidar o MJS nas Américas e no Caribe, os coordenadores decidiram continuar o acompanhamento dos jovens no processo educativo de amadurecimento na fé, com Dom Bosco e Madre Mazzarello, qual força juvenil na Igreja e serviço de evangelização no interior da sociedade. Para alcançar este ideal, é nosso desejo construir um MJS internacional com metodologias de formação para todos, coordenação, comunicação e coligação em rede dos vários grupos. São estas as opções que inspiram o processo de base para aumentar as estratégias e atividades em todos os países e em todas as obras salesianas. A ideia é que os nossos jovens aprendam a ser felizes na solidariedade concreta do Evangelho, agora e na eternidade. ■



Coração salesiano

de Xiomara Hernández González

CUBA

Texto: Alejandro Satorre Morales



XIONARA COMEÇOU A SEGUIR JESUS NOS ANOS DO LICEU,
QUANDO O COMUNISMO IMPERAVA EM CUBA.



A humildade de Maria, a simplicidade de Francisco de Assis e a capacidade de trabalho de Dom Bosco descreveriam com perfeição esta mulher do povo e da Igreja pelo modo como soube orientar a sua vida. Há um coração salesiano que bate em Xiomara (às vezes com um pouco de nervosismo). A personalidade desta mulher foi forjada pelo calor de uma família do interior, pelo exemplo de sua mãe viúva, com quatro crianças para criar. “Quando minha mãe ficou viúva, nós nos transferimos para Camajuaní, depois para Santa Clara. Lavava e passava para nos manter; era a única coisa que pudesse fazer. E assim nos criou e educou.” A semente da sua fé veio-lhe também da madrinha de Batismo, que confiava na grandeza de Deus e na ação caridosa da Virgem “embora fosse um pouco sincretista”. Recebeu o Batismo quando pequena, na cidade de Santa Clara. “Comecei a frequentar uma casa vizinha da minha, onde se davam aulas de catecismo em preparação à Primeira Comunhão. Recordo muito bem das catequistas, duas mulheres um pouco gordinhas, mas muito corteses, que vinham da paróquia. Numa Quinta-feira Santa, não me lembro do ano, recebi a Primeira Comunhão.” Provavelmente foi nos anos do liceu que ela começou a empenhar-se sempre mais no seguimento de Jesus, sob a guia do diretor, que estava preparando o grupo das jovens para o sacramento da Crisma. Aos 12 ou 13 anos, fre-



quentou a Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo onde conheceu o Servo de Deus Padre José Vador; confessava-se com ele e escolheu-o como seu guia espiritual, até sua morte em 1979.

O esforço de seguir a Jesus aumentava sempre mais: “Aproximei-me de algumas jovens e disse-lhes que queria fazer alguma coisa a mais do que só ir à Missa, e assim, fundei a Ação Católica”. O seu “a mais” haveria de levá-la a ser freira, mas naquele momento não sabia como e, também, não parecia que fosse isso que Deus queria. Se ela permaneceu fiel à Igreja e autêntica na vivência dos valores cristãos, foi em parte também graças ao seu feliz casamento com José Gálvez, outro autêntico coração salesiano, e também aos cinco ou seis filhos que gostaria de ter tido. “Foi uma grande frustração, mas, graças à ajuda de Deus, suportei também isso”.

Entre suas melhores lembranças, “o primeiro amor da minha vida foi Pepe e, além do matrimônio, um dos momentos mais belos foi a sua ordenação como diácono permanente”. Casou-se na igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo em novembro de 1965,

paróquia que frequentava há alguns anos. “Passamos mais de cinquenta anos com a Família Salesiana do Monte Carmelo, onde me tornei cooperadora. Agradeço a Deus pela minha vocação e por ter-me feito participar desta maravilhosa Casa. Foi aqui que encontrei pessoas admiráveis: Cheo e Nelita, Amada e Yiyo, María del Carmen e Juan Carlos, Ileana e Campito, Mirita e Pirolo, Alemán e Marité; as FMA Flami, Lina, Severina, Lupita; os salesianos Ballari, Cantello, Linares, Soto, Adrián, Héctor, Alex, Guillermo; são uma família estupenda. Se quiserem saber quem mais me influenciou, diria que os padres Vador, Bruno e Giordano. Recordo também com prazer o bispo Fernando Prego, de Santa Clara, e minha mãe, exemplos todos de coragem e de fé”.

Encarregada do curso pré-matrimonial, membro do coral, tesoureira da paróquia (“desde os tempos do padre Vador até hoje, todos os párocos sempre confiaram em mim”), encarregada do grupo de idosos, é o verdadeiro motor que puxa a paróquia; é animadora do Grupo Caritas, ministra extraordinária da Comunhão, visita os doentes, distribui o jornal da diocese,



se, Amanecer: “Estou mais do que satisfeita com as minhas atividades de apostolado, mas se tivesse de escolher uma delas, escolheria a catequese. Sempre digo às crianças, adolescentes e jovens que vivam segundo a sua fé cristã. Jamais descuidei desta tarefa, nem mesmo no meu trabalho, no bairro em que vivia, nem nos momentos mais difíceis”.

Essa a essência da sua salesianidade. Para Xiomara, não era suficiente anunciar o Bom Deus para os jovens pobres e abandonados, rezar pelas novas vocações ao sacerdócio e pelos doentes, mas precisava que o seu trabalho fosse o testemunho de ser centrado em Cristo, que a sua espiritualidade, centrada em Maria, fosse alegre, todos os dias; que oferecesse um serviço responsável e sempre em profunda comunhão com a Igreja, uma prática que ela mesma resumia com as palavras de São Paulo. A minha frase preferida é: “Ai de mim se não anunciasse o Evangelho”.

Suas rugas trazem consigo sinais indeléveis da vida da Igreja em Cuba: “Participei do primeiro Congresso Nacional Católico (nos anos de 1980), e das visitas do Santo Padre”. Viveu os altos e baixos da sua nação sem críticas ou lamentos, talvez porque nela estavam bem enraizadas as palavras de São Francisco de Sales: “Podem-se pegar mais moscas com uma gota de mel do que com um barril de vinagre”. Foi assim essa mulher, que nunca perdeu o sorriso e que chorava toda Sexta-feira Santa ao ouvir sobre as humilhações sofridas por Jesus. O seu Salmo preferido é o número 22, ela que enfrentou a morte dos próprios sobrinhos no exterior e que treme sempre que entra no hospital; ela que tem uma grande loquacidade: “Sempre fui um pouco nervosinha”.

E continuará a ser assim até o fim dos seus dias, porque a sua ideia de felicidade é “ter Deus no próprio coração e viver em paz consigo e com os outros”. ■



O CARISMA SALESIANO É ESTAR COM OS JOVENS,
ENCONTRÁ-LOS EM SUA VIDA COTIDIANA,
CONHECER O SEU MUNDO E AMÁ-LO.



DOM BOSCO SENTIA-SE ENVOLVIDO NA TRAMA DE DEUS. POR ISSO, AMAVA O JOVEM, QUALQUER QUE FOSSE O SEU ESTADO.



Como Dom Bosco: com os jovens para os jovens

Na Estreia 2015, o Reitor-Mor sublinha a atualidade da proposta educativa de Dom Bosco, a duzentos anos do seu nascimento.

Texto: Lorenzo Bortolin

A Estreia que o Reitor-Mor padre Ángel Fernández Artime, décimo sucessor de Dom Bosco, propõe para 2015 sublinha que o carisma salesiano está a serviço da comunhão e evangelização e é dirigido de modo particular aos jovens. Recorda, antes de tudo, que “desde os primeiros anos do Oratório, Dom Bosco começara a entregar, no final do ano, uma Estreia a todos os seus jovens em geral e outra a cada um em particular. A primeira, a geral, consistia normalmente em indicar alguns modos de proceder e os aspectos a ter presentes para o bom andamento do ano que está para começar”. Depois dele, os seus sucessores continuaram o costume. Para o padre Artime, a Família Salesiana “caracteriza-se pelo fato de ser, em primeiro lugar, uma família carismática, em que o primado de Deus-Comunhão constitua o coração da mística salesiana. Nessa comunhão, nós reconhecemos a diversidade e, ao mesmo tempo, a unidade que tem a sua fonte na consagração batismal, na participação do espírito de Dom Bosco e na participação da mesma missão salesiana a serviço dos jovens, especialmente dos mais pobres”. Por isso, a finalidade da Estreia é “ser uma mensagem criadora de unidade e comunhão para toda a nossa Família Salesiana, num objetivo comum”.

Para todos e para todas

O carisma salesiano “abraça e acolhe todos e todas”, mas tem uma atenção especial pelos jovens. Para Dom Bosco, “justamente porque se sentia envolvido na Trama de Deus, significava amar o jovem, qualquer que fosse o seu estado ou situação, para levá-lo à plenitude do ser plenamente humano que se manifestou no Senhor Jesus e que tomava concretude na possibilidade de viver como cidadão honesto e como filho de Deus. Esta é a chave do nosso ser, viver e atuar o carisma salesiano. Se chegarmos a sentir em nossas vísceras, no mais profundo de cada um ou cada uma de nós, aquele fogo, aquela paixão educativa que levava Dom Bosco a encontrar-se com cada jovem face a face, crendo nele, crendo que em cada um sempre há uma semente de bondade e do Reino, para ajudá-los a dar o melhor de si e aproximá-los do encontro com o Senhor Jesus, certamente estaremos concretizando em nossa vida o melhor do carisma salesiano, segundo as nossas modalidades e possibilidades”. Para o Reitor-Mor, “o carisma salesiano não é propriedade nossa, nem dos salesianos e nem mesmo de toda a Família Salesiana”, mas da Igreja inteira: “É certamente um dos dons com que o Espírito Santo enriqueceu a Igreja para que com o olhar fixo na essência



SÃO OS JOVENS QUE NOS SALVARÃO, PORQUE NOS FARÃO SAIR DA NOSSA ROTINA, DOS NOSSOS MEDOS, DAS NOSSAS INÉRCIAS.



do Evangelho e na comunhão eclesial por primeiro, e internamente na Família Salesiana depois, podermos ser um presente precioso para os jovens. Por isso, Evangelho, coração pastoral para com os jovens e comunhão são garantias de Identidade e de Fidelidade para nós, Família de Dom Bosco, Família Salesiana”.

Estar com os jovens

Consequentemente, “o carisma salesiano é aquele de estar com os jovens, estar com eles e entre eles, encontrá-los em nossa vida cotidiana, conhecer o seu mundo e amá-lo, estimulá-los a serem protagonistas da própria vida, despertar neles o ‘sentido’ de Deus, incitando-os a se proporem metas elevadas, a viverem a vida como viveu o Senhor Jesus”. Por isso, deve-se “buscar o bem deles, empenhando nisso todas as nossas energias, todos os respiros e a força que

temos”. Não só, o padre Artime observa que “quando o Papa Francisco fala para ir à periferia, nós somos interpelados de modo muito vivo e direto, porque nos pede para estarmos com os jovens na periferia, quase totalmente afastados, excluídos, quase sem oportunidades. Ao mesmo tempo, quero dizer que esta periferia é algo tipicamente nossa como Família Salesiana, porque a periferia é algo constitutivo do nosso DNA salesiano. O que foi o Valdocco de Dom Bosco senão uma periferia da grande cidade? O que foi Mornese senão uma periferia rural? Será preciso que o nosso exame de consciência pessoal e como Família Salesiana se confronte com este intenso apelo eclesial, que faz parte por sua vez da essência do Evangelho. Será preciso que nos examinemos sobre o nosso viver com os jovens e para eles, especialmente os últimos... mas não será preciso procurar para on-



O CARISMA SALESIANO PERTENCE À IGREJA INTEIRA.

É UM DOM DO ESPÍRITO SANTO PARA RECORDAR-NOS O QUANTO OS JOVENS SÃO IMPORTANTES PARA DEUS.



de nos orientarmos, a nossa “estrela polar na navegação”, porque nos últimos, nos mais pobres, naqueles que mais precisam de nós, está o elemento mais específico do nosso DNA como carisma salesiano”.

Um ano de festa

O Reitor-Mor acrescenta: “Ouso dizer que são os jovens, as jovens, especialmente os mais pobres e necessitados, que nos salvarão ajudando-nos a sair da nossa rotina, das nossas inércias e dos nossos temores, às vezes mais preocupados em conservar as nossas seguranças do que em manter o coração, o ouvido e a mente abertos ao que o Espírito pode nos pedir”. E isso é muito mais importante no Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco, “ano em que a festa pelo dom que é Dom Bosco para a Igreja e para a sua Família não nos deixará centrados em nós mesmos, au-

torreferenciais e autocomplacentes, mas nos lançará com a maior força possível para a missão”. Recorda, enfim, o que o Papa São João Paulo II escreveu em sua carta *Iuvenum patris*, no centenário da morte de Dom Bosco, referindo-se a Maria, a colaboradora mais insigne do Espírito Santo: “A Ela eu vos confio e convosco confio todo o mundo dos jovens, para que eles, por Ela atraídos, animados e guiados, possam obter com a mediação da vossa obra educativa, a estatura de homens novos para um mundo novo: o mundo de Cristo, Mestre e Senhor”. A Estreia é um presente do Reitor-Mor, sucessor de Dom Bosco e pai da Família Salesiana. Cada grupo pertencente à Família, graças à sua mensagem, vive a comum missão salesiana a serviço dos jovens, especialmente dos mais pobres. ■

Espero que todos ustedes al Paraiso

Jue. yiv Bono

